



## AS MANOBRAS REACCIONÁRIAS EXIGEM UNIDADE E VIGILÂNCIA

- A tática da reação fascista no Norte
- As «ajudas» da social democracia europeia
- A opção golpista do PPD
- O «Jornal Novo» insulta a revolução
- Criminosos e incendiários
- Quem é que tenta prejudicar as relações luso-soviéticas?

Nas páginas interiores

### l'Humanité

ORGÃO CENTRAL DU PARTI COMMUNISTE FRANÇAIS

«Avante!» presente na Festa do órgão central do Partido Comunista Francês

Pela segunda vez depois do 25 de Abril, o nosso Partido e o «Avante!» participam, ao lado de partidos irmãos de todo o mundo, na Festa anual do «L'Humanité», órgão central do Partido Comunista Francês. Os trabalhadores portugueses terão este ano, nos dias 13 e 14 do corrente no Parque de la Corneuve, perto de Paris, uma representação digna dos melhores cantares do nosso Povo. Patrocinados pelo Partido Comunista Português, haverá naquela Festa três espetáculos de canto pelo coro do Sindicato dos Mineiros do Aljustrel. Os milhares de camaradas trabalhadores de todo o mundo, que todos os anos assistem e participam nas variadíssimas atracções e iniciativas políticas da Festa do «L'Humanité», vão ter o ensejo de apreciar ao vivo as vozes poderosas dos trabalhadores alentejanos, o vigor revolucionário das suas canções.

O «Avante!» de cuja delegação fazem parte os nossos camaradas António Dias Lourenço e Ruben Tristão de Carvalho, respectivamente, director e chefe de redacção do nosso jornal, vai assinalar a sua presença com um número especial redigido em francês para ser distribuído na própria Festa. Nele se incluem os marcos principais da história do nosso Partido os dezassete meses da revolução portuguesa, além de outros artigos e de uma apresentação dos membros do Comité Central do PCP. Além do pavilhão «Avante!», onde se venderão os livros das colecções que editamos, as pequenas lembranças alusivas ao nosso Partido e objectos de artesanato, haverá outro pavilhão representativo dos democratas e progressistas portugueses.



A determinação da Juventude Comunista na defesa dos ideais revolucionários

## O CHILE VENCERÁ!

Pág. 3

## SOLIDARIEDADE

Correctas na análise política que fazem da situação no nosso País, poderosas pelas vozes que veiculam, estimulantes pelos apelos que contêm, as centenas de mensagens de apoio e amizade que continuamos a receber do mundo inteiro constituem provas excepcionais do vigor da solidariedade internacionalista da classe operária e de todos os trabalhadores

A solidariedade internacionalista e militante para com o nosso Partido, para com os trabalhadores portugueses e todas as forças democráticas e progressistas, continua a manifestar-se com provas indelmentes de interesse profundo pelo que se passa em Portugal, com o propósito firme de ajudar a vencer a criminosa onda reaccionária e fascista de que o PCP tem sido o alvo principal, pois os contra-revolucionários procuram atingir através do nosso Partido todas as liberdades democráticas, todas as conquistas revolucionárias alcançadas com tanto sacrifício pelo Povo português.

Assim, continuam a chegar à nossa redacção provas de solidariedade de trabalhadores e organizações democráticas de todo o mundo para quem a nossa luta é a sua luta, para quem

a vitória da revolução portuguesa é a vitória de todos os povos que lutam contra o imperialismo em todas as suas formas de opressão e de miséria.

Do Brasil chega-nos a «solidariedade para com a luta do Povo português pela democracia e o socialismo», nas palavras amigas do Partido Comunista Brasileiro, nas suas saudações fraternas e calorosas ao desejarmos o êxito nos nossos «ingentes esforços pela unidade de todos os patriotas e democratas portugueses» pela «consolidação da democracia que abrirá ao Povo português o caminho para o bem-estar e o progresso, para a conquista da nova sociedade socialista».

Dirigida ao Comité Central do nosso Partido e ao camarada Álvaro Cunhal, a mensagem do CC do PCB,

(Continua na pág. 5)



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

PÁGINA 2

A solução da crise passa pela negociação

«Solidariedade contra a reacção fascista», foi a palavra de ordem que presidiu à jornada de luta levada a cabo pela UJC no passado sábado, no Pavilhão dos Desportos, e em que participaram milhares de pessoas.

O comício-festa da UJC destinou-se à angariação de fundos para a reconstrução dos centros de trabalho do nosso Partido que têm vindo a ser destruídos em vários pontos do país pela reacção fascista.

No decorrer da sessão, a que presidiram os camaradas Fernando Rodrigues, Isabel Pato e João Pedro, da CC da UJC; Domingos

Oliveira, da C. Executiva da CC da UJC e ainda o camarada Carlos Costa, do Secretariado do CC do PCP, viveu-se um ambiente de extremo entusiasmo e espírito combativo, bem patente nas palavras de ordem incansavelmente repetidas, exigindo a imediata tomada de medidas contra a escalada reaccionária que se vive no país.

Usaram da palavra, na primeira parte do comício-festa, os camaradas Domingos Oliveira e Carlos Costa, que se referiram em especial aos ataques da reacção e às tarefas que neste momento se colocam à juventude.

Na sua intervenção, o camarada Carlos Costa afirmou, nomeadamente:

«Tem este comício-festa o objectivo de ser um acto de solidariedade para com as organizações e os camaradas que têm sido vítimas do terrorismo fascista. Certo de exprimir os sentimentos dessas organizações e camaradas, a todos vos agradeço a vossa participação nesta acção de solidariedade proletária.

Estas acções de solidariedade proletária são de enorme importância no momento que vivemos.

É necessário que os nossos camaradas das regiões mais atingidas pelo terrorismo fascista sintam ao vivo que não estão sós, que fazem parte de um grande e poderoso Partido que não os abandona nem nunca abandonará nas horas difíceis. Por outro lado, é necessário que aqueles que, por oportunismo ou inconsciência, se deixam arrastar por agentes do ELP e da CIA para acções violentas contra o nosso Partido, sintam que estão a jogar uma má cartada, sintam que estão a atacar a força invencível da classe operária, sintam que estão a brincar com o fogo que os poderá queimar a eles próprios.

É necessário reconstruir os nossos Centros de Trabalho destruídos, e criarmos condições para que os nossos camaradas melhor se possam defender dos bandos fascistas.

Por tudo isto, urge intensificar a campanha de solidariedade proletária, transformando-a numa verdadeira campanha nacional. A juventude trabalhadora, pelo seu dinamismo, generosidade e ardor revolucionário cabe um importante papel nesta campanha.

Não me deterei, camaradas, na descrição do que tem sido o terrorismo fascista no Norte e não só no Norte. Foram até agora assaltados ou incendiados cerca de 40 dos nossos 500 Centros de Trabalho. Foram igualmente assaltados ou incendiadas sedes locais de todas as organizações revolucionárias, sedes de sindicatos, assim como escritórios, consultórios, casas comerciais e de habitação de comunistas e outros homens progressistas.

Mas hoje queria aqui chamar a atenção para uma forma de terrorismo fascista, particularmente elucida. Refiro-me aos incêndios de florestas. É sabido que se têm verificado este ano dezenas de incêndios criminosos nas florestas, que provocaram já prejuízos de muitas centenas de milhares de contos. É sabido que para provocar estes incêndios têm sido usados engenhos incendiários (nomeadamente bombas incendiárias), avionetas e helicópteros. É sabido que os baldios recentemente entregues aos Povos têm sido o alvo principal dos incêndios criminosos. Estes incêndios são particularmente elucidaivos quanto à origem, métodos e objectivos do terrorismo fascista que igualmente tem incendiado os nossos Centros de Trabalho.

Perguntamos à Direcção do PS: será o povo irado quem incendia os seus próprios baldios? Perguntamos à Direcção do PS: será o povo irado quem dispõe de bombas incendiárias, avionetas, helicópteros? Há incendiários presos. Devemos exigir que os seus nomes e ligações políticas sejam amplamente conhecidas. Não é difícil saber de onde levam avionetas e helicópteros.

(Continua na pág. 5)

## COM O PCP EM DEFESA DA REVOLUÇÃO



GRANDE COMÍCIO-3.ª FEIRA, 16 ÀS 21 H. NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO-LISBOA



# O CHILE VENCERÁ!

No dia 11 de Setembro de 1973 — exactamente há dois anos — o Chile da Unidade Popular, o Chile que caminhava para o socialismo, o Chile que empolgava todo o mundo progressista, foi sufocado em sangue, submerso por uma tremenda onda de terrorismo, Allende assassinado, com muitos outros patriotas.

Três anos antes, o povo chileno tinha festejado a sua grandiosa vitória, a vitória de Allende e da Unidade Popular. Estava então

aberta a perspectiva de uma caminhada difícil, mas segura, para o socialismo. O Chile era mais um desafio ao imperialismo, uma esperança nova para a humanidade. O Chile que morreu e se reerguerá, pela força da tremenda luta hoje desenvolvida pelo seu povo.

Setembro é um mês de intensificação da solidariedade com o Chile. Uma solidariedade que nunca se extinguiu, e que é preciso reforçar em cada momento. Setembro é também momento propício para voltar a meditar, mais e sempre, nas razões profundas da derrota dramática, ainda que momentânea, do Chile da Unidade Popular.

No decurso de três anos, o povo do Chile foi permanentemente assediado por golpes reaccionários cozinhados com o evidente auxílio do imperialismo americano. Foram enfrentados e sucessivamente derrotados, o «complot» CIA-ITT (Outubro de 1970), a conspiração do comandante Marshall (Março de 71), a conjura do general Canales, a paralisação dos transportes terrestres, comércio privado e sectores profissionais (Outubro de 1972), o golpe do comandante Souper (Junho de 1973). A vitória pertenceu sempre ao povo do Chile, enquanto a correlação de forças sociais foi favorável ao Governo Popular. O êxito do golpe do 11 de Setembro foi possível porque o imperialismo e a reacção interna conseguiram criar uma ampla frente contra o Governo Popular.

É evidente que tal frente englobava forças e camadas da população que só teriam a ganhar com a perspectiva do socialismo, e que foram também arrastadas na voragem da repressão fascista. O que permitiu esse alargamento da base social da reacção, foram factores hoje bem determinados, que englobam nomeadamente a possibilidade que lhe foi dada de aproveitar abusivamente as formas democráticas, a liberdade que negava existir, a batalha ideológica que soube conduzir à sombra dessa mesma liberdade. De entre os factores que facultaram a vitória do fascismo no Chile, destaca-se — como fundamental — a quebra da unidade entre as forças empenhadas no processo, o sectarismo que impediu muitos de se aproximarem das forças progressistas e afastou outros, o trabalho provocatório dos grupos esquerdistas — todo um conjunto de elementos que haveria de conduzir ao isolamento da classe operária, a atitudes negativas do campesinato, a uma situação de enfraquecimento do Chile mais consequentes. Restringida a base real da revolução, o fascismo saiu vitorioso.

Numa mensagem histórica dirigida ao povo chileno antes do seu assassinato, Allende afirmou: «Colocado num transe histórico, pagarei com a minha vida a lealdade do povo. Têm a força, poderão sujeitar. Mas não se detém os processos sociais pelo crime nem com a força. O povo deve defender-se, mas não sacrificar-se. O povo não pode deixar-se esmagar nem cravar de balas, mas tão-pouco pode humilhar-se. Outros homens superarão este momento sombrio e amargo». Sob a violência da ditadura fascista, o povo chileno organiza-se para a reconquista da liberdade perdida. Cria as condições para a vitória, que será sua.



Salvemos Luis Corvalán

# O «JORNAL NOVO» INSULTA A REVOLUÇÃO

Uma «nova» imprensa ao serviço do confucionismo, da mediocridade ideológica, da calúnia e do boato — em suma, da contra-revolução

O «Jornal Novo» nasceu fantasiado de campeão da liberdade de imprensa. Pretendia ser diferente em tudo. No título, na linguagem, na independência, na linha editorial.

Na realidade a sua criação obedeceu a um objectivo muito concreto: oferecer a certos estratos da pequena burguesia um jornal feito para desinformar, deprimir, revoltar, dividir, intrigar. Um jornal que, em nome da democracia e da defesa da Revolução, fizesse com eficácia o jogo da contra-revolução.

Do ponto de vista jornalístico a fórmula aparentemente inovadora é uma fórmula velhíssima, desconhecida em Portugal apenas porque vivemos 48 anos sob o fascismo. Nos Estados Unidos aparecem todos os anos jornais semelhantes, para cumprir tarefas políticas precisas, após cuidadosos estudos de mercado. Em primeiro lugar contam com o apoio financeiro de poderosos grupos económicos. Tal apoio parece não haver faltado no caso do «Jornal Novo», segundo se conclui de revelações feitas pela Comissão Coordenadora Intercomissões. A documentação que está a ser analisada demonstra que tanto a CUF como a Confederação da Indústria Portuguesa desempenharam um importante papel nos entendimentos que levaram à criação do «Jornal Novo».

Não foi necessária muita imaginação para o modelo. Tratava-se apenas de aplicar a receita, adaptando-a ao paladar do público a que se dirigia.

Em primeiro lugar o «Jornal Novo» esforça-se por persuadir os leitores de que é um órgão de informação com uma forte personalidade. Uma personalidade inseparável de afirmações categóricas, de acusações frontais, de insultos pessoais. As fotomontagens são particularmente apreciadas pela reacção. Foram elas uma das armas do «Jornal Novo» na sua campanha de ódio contra o general Vasco Gonçalves; continuaram a ser um instrumento muito usado na tenaz campanha anti-comunista inspirada nos moldes clássicos do maccartismo.

O recurso às fotomontagens apresenta, contudo, os seus perigos. O «Jornal Novo» tentou utilizar em relação ao almirante Pinheiro de Azevedo o processo de que lançou mão na sua ânsia de diminuir a figura do general Vasco Gonçalves. Avançou como um gato, preparando o ataque. Primeiro veio o ensaio, numa fotomontagem injuriosa para o comandante Correia Jesuino. No dia seguinte a ofensa directa ao almirante Pinheiro de Azevedo, cuja nomeação para primeiro ministro decepcionou o vespertino que nas últimas semanas inventara sucessivos governos, primeiros ministros, vice-primos, ministros, chefes de Estado Maior, etc. mas a Marinha respondeu à letra às provocações do «Jornal Novo», advertindo-o de que «a Armada se reserva o direito de actuar revolucionariamente, em justa defesa do seu prestígio, se casos de idêntica natureza se voltarem a repetir».

A mesma edição — a do dia 3 de Setembro — que na injúria à Marinha insulta indirectamente o conjunto das Forças Armadas, publica um editorial intitulado «Ao Exército, à Marinha, à Aviação». A contradição é típica dos processos do

«Jornal Novo». Como pode respeitar as Forças Armadas um jornal que procura desprestigiar e ridicularizar um oficial revolucionário empenhado em restabelecer a abalada unidade do MFA?

O referido editorial é um verdadeiro espelho da ideologia do «Jornal Novo» e da técnica artesanal que o seu director utiliza para atingir os seus fins. O sr. Artur Portela Filho escreve sempre o mesmo editorial, por mais diferente que seja o tema. Não faz nunca uma análise política digna desse nome. Monta um artigo como monta um anúncio. Encara as reacções do leitor como se este fôra o comprador de um produto. A política, aos seus olhos não é uma ciência; é um assunto de marketing. Isso não significa, claro, que a sua escolha ideológica não seja bem definida. É transparente. O «Jornal Novo» foi criado para defender os interesses de classe da burguesia, para dar alento aos sectores vacilantes da burguesia, para confundir e aliar a pequena burguesia. Mas para atingir esses fins actua como o departamento de publicidade de uma empresa monopolista. O que conta num editorial do sr. Portela é a técnica de choque e não as ideias. O objectivo é provocar reacções emocionais e não uma reflexão séria. O título, a disposição dos parágrafos, os jogos de palavras, a escolha e o número dos adjectivos tendem a provocar o impacto que a pobreza das ideias não poderia produzir. O editorial divisionista e reaccionário da última quarta-feira não foge à técnica paternalista dos agentes de publicidade das campanhas presidenciais americanas. Dirigindo-se ao Exército, à Marinha, à Aviação, o editorialista opta pela camaradagem revolucionária: «Companheiros! Mas logo depois, para dar a medida da gravidade e da solenidade do momento, escolhe a segunda pessoa — um Vós com notas de dramatismo — que o transforma a ele em interlocutor do conjunto das Forças Armadas. O «Jornal Novo» é, por sistema, interlocutor de todos, do Governo, do Presidente da República, do país, da Humanidade.

Para defender depois uma posição reaccionária, o sr. Portela Filho lança no meio de uma torrente de adjectivos uma «ideia-força»: «Ser vanguarda». Os elementos das Forças Armadas, definidos como profissionais da coragem (o elogio indispensável) teriam por missão, como vanguarda, agir de acordo com os desejos do sr. Portela Filho, isto é, adoptar um comportamento contra-revolucionário. A vanguarda para o articulista, note-se, não é o MFA. A vanguarda seria o conjunto das Forças Armadas. E explica que a revolução socialista não «é um campeonato de imaginação e audácia». A revolução, escreve, «é um projecto que só será viável se habitado, se habitável, se voluntariamente habitado». É esse o estilo do editorial-anúncio-charada. O autor volta a derramar elogios, troca então os adjectivos pelos substantivos (terror, coragem, acção). O que pretende?

Dizer que a Revolução tem um ritmo excessivamente rápido; que vai depressa demais; que, se não der uns passos atrás, corre o risco de marchar para a sua própria destruição.

Segue-se uma pausa retórica, com um palavrado que poderia ter

seido extraído de um discurso de Salazar ou Caetano, («a rotina da dor, a banalidade da violência, a estupidéz da obrigatoriedade»). O autor aprecia as frases feitas com sabor de coisa original. O povo, proclama, «não se sabe de cor». «O povo não passa cheque em branco a ninguém», grita, como se tivesse ganho uma batalha. O tom do editorial, a caminhada para o fim, ganhou já então as estridências de um sermão. O sr. Portela Filho dá instruções aos seus ouvintes invisíveis. «Votai revolução, votai socialismo, votai sociedades sem classes, votai legalidade, paz, prosperidade». Os ouvintes, bem entendido, são as Forças Armadas. Não voteis psicose, diz-lhes, entre outros disparates.

O que importa não é a estrutura caótica do discurso: é a sua finalidade reaccionária, é o efeito no leitor. Há que «renovar uma assembleia do MFA — sugere — que se estancou, que se isolou, que se barrou». Há que «reprovar à Assembleia do MFA». «Há que reelegir a Assembleia do MFA», pede em dois parágrafos de apoteose.

O artigo fecha com frases sem noção, intencionais, a preceder a referência final à «maioria do povo português».

O tónico da política-marketing não faz restrições ao Exército, à Marinha, à Aviação. Dirige-se a eles como totalidades revolucionárias. Reserva as restrições para o MFA: A vanguarda militar da Revolução obceca-o. Dois dias antes da data marcada para a Assembleia do Movimento achou oportuno afirmar a sua desconfinança em face do MFA. O sr. Portela queria uma

Assembleia do MFA renovada, reprovada, reelegitimaada. «É ele quem, do alto da sua sabedoria de pequeno burguês, se considera em condições de conceder títulos de legitimidade (ou de negá-los) aos representantes do MFA. Com jogos de palavras, com técnicas de publicidade, é dessa forma que o «Jornal Novo» aborda os grandes problemas da política nacional. Mistura tudo. O apelo às Forças Armadas, a injúria às Forças Armadas, a rima uma frase, o tom do Cícero a discursar no Senado Romano, de tudo serve ao «Jornal Novo» para cumprir a sua missão divisionista, contra-revolucionária. Não pomos em dúvida o apelo em que é tido pela reacção. Mas não consegue iludir os trabalhadores. Os anúncios que publica diariamente são mais reveladores do tipo de sociedade que deseja para Portugal do que as pomposas afirmações de fé democrática e revolucionária dos seus editoriais. O «Jornal Novo» é um órgão da burguesia, uma voz do capitalismo moribundo. O seu ideal é a prosperidade e a expansão da empresa privada, de sociedade por acções, empreendimentos e iniciativas como a Imobex, as Roulettes Mustang, a cadeia Sheraton, a Transport and Expeditions GmbH, a Black & Decker, o Fiel das Pales, Orey Antunes e outras firmas anunciantes cujos dirigentes e acionistas se contam certamente entre os admiradores do novo tipo de jornalismo reaccionário que surgiu em Portugal após o 25 de Abril.

O «Jornal Novo» insulta diariamente o MFA; insulta diariamente a Revolução.



# VASCO GONÇALVES UM REVOLUCIONÁRIO

O general Vasco Gonçalves deixa hoje o Palácio de São Bento. Foi durante 14 meses o primeiro ministro de quatro Governos Provisórios que ficaram a assinalar grandes vitórias e momentos críticos da Revolução iniciada em 25 de Abril de 1974.

Vasco Gonçalves era, fora das Forças Armadas, um desconhecido antes do derrubamento do fascismo. Dele se pode dizer que nasceu politicamente com a Revolução. São sempre as grandes Revoluções que forjam os grandes revolucionários. O general Vasco Gonçalves mereceu o qualificativo.

Nos momentos mais difíceis soube sempre demonstrar uma confiança inabalável nos destinos da Revolução, assente numa confiança infinita na capacidade do povo para defender as conquistas revolucionárias. A firmeza e a verticalidade do revolucionário que não cede a pressões não foram nele nunca uma forma de personalismo e sim a tradução do senso de responsabilidade de quem se sentia grado de interpretar o espírito e a vontade das vanguardas civis e militares cuja acção foi sempre decisiva para as grandes vitórias alcançadas desde o 25 de Abril.

Nenhum soldado de Abril foi mais atacado nos últimos meses. Nenhum, porém, fez tanto pela Revolução, conseguiu de maneira tão cabal e harmoniosa fundir-se com a sua própria imagem. Nenhum soldado do M.F.A. conseguiu como ele tocar tão profundamente o proletariado, estabelecer um diálogo tão franco e caloroso com o operariado industrial e o povo dos campos do Alentejo, com os trabalhadores revolucionários de todo o País. O seu discurso de 29 de Setembro assim como o discurso em que, após o 11 de Março, anunciou as nacionalizações e a reforma agrária ficaram como etapas da Revolução, como marcos no processo de transformação de uma sociedade a caminho do socialismo.

Ninguém, na medida em que se identificou com tanta clareza com a opção socialista, foi tão combatido, criticado, injuriado pelas forças da reacção, pelos partidos e forças da social democracia e até por camaradas de armas incapazes de compreender a sua dimensão de revolucionário, a sua autenticidade e capacidade como político e homem de Estado.

Estão, porém, equivocados aqueles que pensam que Vasco Gonçalves, afastado do Governo, afastado do Conselho da Revolução, afastado de qualquer comando, passou aos arquivos da Revolução. Uma Revolução que a Portuguesa, que mal iniciou a sua longa e difícil caminhada rumo ao socialismo, que enfrenta, na área interna e na externa, obstáculos tão poderosos não pode prescindir de um soldado como Vasco Gonçalves. Precisamente por não ser um homem ambicioso, por se distinguir de muitos dos seus críticos por uma vocação democrática que mergulha as suas raízes na confiança das massas, por ter a coragem de falar ao imperialismo na única linguagem que ele entende, por ser um economista, ter a noção lúcida dos sacrifícios heróicos que as grandes transformações revolucionárias da nossa economia exigem, por falar como um revolucionário e agir como um revolucionário, o general Vasco Gonçalves terá ainda certamente a ocasião de voltar a prestar grandes serviços ao Povo Português.

Aqueles que, apressadamente, querem, com ele vivo fazer o seu necrologio político revelam uma fraca compreensão dos factos da política e da história. Não são apenas mesquinhos. Conseguem também cobrir-se de ridículo. Soldados com a ténpera revolucionária de Vasco Gonçalves não podem ser destruídos com palavras e intrigas, com campanhas insidiosas.

Uma das «acusações» mais insistentes que lhe fizeram, e que no estrangeiro se tornou um dos temas fundamentais da campanha desencadeada contra a Revolução Portuguesa, foi a de que era comunista, como se ser comunista fosse vergonha ou crime. Mas tratava-se de uma falsidade. O general Vasco Gonçalves não é um comunista. É, contudo, um Revolucionário. Por isso o apolamos, por isso o respeitamos. Sempre afirmámos que embora a Revolução não possa fazer-se sem o PCP ela não poderá também fazer-se apenas com o PCP. Necessita da participação de todos os autênticos revolucionários, civis e militares, do esforço conjugado das duas componentes do processo nas quais cabem partidos, organizações, elementos de vários quadrantes ideológicos.

Acusam-nos muito de sectarismo. Mas quando apoiámos com firmeza um revolucionário não comunista — por ser autenticamente revolucionário — pulverizamos essa acusação gratuita, oferecendo a melhor prova de que não somos sectários. E Vasco Gonçalves, não sendo comunista, é, repetimos, um soldado revolucionário.

Na hora decisiva em que tiver de ganhar a batalha da produção, em que for indispensável transformar em actos a desejada autenticidade, a Revolução terá certamente ao seu serviço, no posto necessário, o soldado do MFA que soube no Governo, como nenhum outro, sintetizar em metas e palavras de ordem correctas as grandes tarefas de uma fase de transição, rumo ao Socialismo.

O jornal não é apenas um propagandista e um agitador colectivo, mas também um organizador colectivo. Deste último ponto de vista, pode ser comparado aos andaimos que se levantam em torno de um edifício em construção, que lhe marcam os contornos, facilitam os contactos entre os construtores, ajudam-nos a dividir entre si as tarefas e a aperceberem-se dos resultados globais obtidos pelo trabalho bem organizado»

Lénine





# SOLIDARIEDADE PARA COM O PCP E A REVOLUÇÃO

Mensagens de apoio e solidariedade do Partido Comunista Brasileiro, do Partido Suíço do Trabalho, do Partido Comunista da Finlândia, de organizações da juventude soviética. Mais de 300 cartas mensagens, abaixo-assinados e telegramas de organismos do PCF, municipalidades, sindicatos (CGT, CFDT e outros) sacerdotes católicos, Acção Católica Operária, UNEF, etc. Mensagens provindas da RDA, Polónia, RFA, Itália, Grã-Bretanha, EUA, Áustria, Bélgica, Austrália, México, Colômbia, Espanha, Afeganistão e Cabo Verde

(Continuação da pag. 1)

assinada pelo seu secretário-geral, camarada Luiz Carlos Prestes, depois de manifestar indignação perante as provocações da imprensa reaccionária do Brasil contra o processo revolucionário em Portugal, afirma que a queda do fascismo no nosso País teve grande repercussão também entre os trabalhadores brasileiros «e muito vem contribuindo para a elevação do nível político da luta do nosso povo contra a ditadura militar-fascista e pela conquista das liberdades democráticas. A partir do 25 de Abril de 1974 - acrescenta a mensagem - cresceu consideravelmente a actividade política em todo o Brasil, em particular nos seus principais centros urbanos e industriais».

## APOIO E SOLIDARIEDADE DE TRABALHADORES FRANCESES E JOVENS SOVIÉTICOS

«Portugal não pode ser o Chile da Europa»: «é preciso deter a reacção»: «a unidade para travar o passo à ofensiva fascista»: «salvar a democracia e as conquistas do Povo português»: «a luta antifascista em Portugal a todos os níveis»: «são palavras de apoio e de acção que nos chegam diariamente, são o resultado de reuniões de trabalhadores por essa Europa fora, de moções aprovadas, de acções concretas movidas por células de empresa como a da Sécurité Sociale «A Croixat» do PCF, das secções do Partido Comunista Francês e do Partido Socialista de Morsang-S. Orge, da célula Victor Jara de Larmorlaye (França), de trabalhadores da «Renault», dos comunistas do Office national d'études et recherches aérospaciales de Châtillon, da célula A. Costes da Secção Charente-Réunion do PCF, de delegações dos sindicatos CGT, CFDT, de variadíssimas secções de partidos irmãos e de partidos socialistas, cujo volume nos impede de mencionar por inteiro. São milhares de assinaturas de democratas, de trabalhadores sem partido, de dezenas de cartas com palavras de apoio e amizade.

É nesse espírito que se nos dirigem também os jovens soviéticos, através do CC da Liga dos Jovens Comunistas e do Comité das Organizações da Juventude da URSS, manifestando «firme apoio à luta do Povo português pela construção de uma nova sociedade livre e justa». Publicada no diário «Komsomolskaya Pravda», a mensagem é dirigida à juventude progressista de Portugal, aos comunistas e a todas as forças democráticas do nosso País que «defendem firmemente as vitórias revolucionárias do Povo português».

Por sua vez, o Comité Central do Partido Comunista da Finlândia, depois de referir que o desenvolvimento democrático em Portugal está seriamente ameaçado pela contra-revolução que pretende abrir caminho «a um golpe de Estado fascista e ao restabelecimento do antigo regime ditatorial», manifesta «a sua solidariedade ao Partido Comunista Português, que agiu para o restabelecimento da unidade das forças de esquerda e progressistas, do Povo e do MFA».

«O fascismo representa uma ameaça para a paz, a segurança dos povos e a democracia. A defesa da democracia em Portugal é a causa comum de todas as forças progressistas e democráticas», conclui o Partido irmão da Finlândia apelando para os meios de informação finlandeses no sentido de transmitirem «informações justas e variadas sobre Portugal», especialmente «a Rádio-TV finlandesa» que deve renunciar «às transmissões falsificadas e hostis».

## PELA UNIDADE DE TODAS AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS

Profundamente interessado na salvaguarda do processo revolucionário português, «o Secretariado do Conselho Unitário CGIL-CISL-UIL da cidade de Sesto San Giovanni (Milão) - Medalha de ouro da Resistência - em nome de 40000 trabalhadores de Sesto, deseja a unidade de todas as forças democráticas, antifascistas, políticas e militares portuguesas, na acção pela salvaguarda e desenvolvimento do processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974».

«A salvaguarda do processo revolucionário português - prossegue a mensagem do Conselho Unitário daquelas centrais sindicais italianas - que é no interesse do próprio Povo e dos povos de todo o mundo, é possível através de um acordo de todas as forças políticas e democráticas antifascistas com o Movimento das Forças Armadas para enfrentar e bater as manobras reaccionárias e os ataques fascistas e por fim às violências contra as forças de esquerda».

«Os trabalhadores de Sesto, que no passado agiram para apoiar a luta do Povo português contra o fascismo e pela liberdade», conclui afirmando que «não deixarão também nesta ocasião de dar a sua contribuição com vista a isolar e bater as forças externas que actuam para bloquear o processo revolucionário em Portugal».

Entretanto na República Federal da Alemanha, por iniciativa de 300 personalidades da vida política e religiosa, professores de escolas superiores, escritores, operários, jornalistas, membros dos conselhos de trabalhadores de empresas, funcionários de sindicatos, comerciantes, circola já com mais de um milhão de assinaturas, um apelo a todas as forças democráticas da RFA no sentido de acabar com as pressões políticas, econó-

Na Polónia, o Conselho Central dos Sindicatos, numa mensagem enviada à Intersindical, manifesta, por sua vez, o apoio e a solidariedade total das massas trabalhadoras da Polónia popular aos trabalhadores portugueses na sua luta pela consolidação e fortalecimento das realizações democráticas no nosso País.

## SINDICATOS CHECOS SOLIDÁRIOS COM TRABALHADORES PORTUGUESES

Viliam Kosik, membro da Direcção do ROH, Conselho Central dos Sindicatos Checoslovacos, em visita oficial ao nosso país, a convite da Intersindical Nacional, manifestou a ampla solidariedade dos sindicatos e dos trabalhadores checoslovacos aos trabalhadores portugueses em luta contra as forças reaccionárias. Como porta-voz do Conselho Central dos Sindicatos Checoslovacos, Viliam Kosik transmitiu as intenções do movimento sindical checoslovaco em

intensificar a solidariedade aos trabalhadores e ao processo revolucionário em Portugal, reforçando os laços de amizade já existentes entre a Intersindical e o ROH, no período da ditadura fascista, e participando em iniciativas internacionais cujo objectivo seja a unidade do movimento sindical internacional na solidariedade activa à jovem democracia portuguesa ameaçada pela ofensiva fascista.

Durante a sua visita ao nosso País, Viliam Kosik visitou uma empresa vidreira da Marinha Grande, a convite do Sindicato dos Vidreiros e Ofícios Correlativos do Distrito de Leiria, e as Minas de Aljustrel, a convite do sindicato dos Mineiros de Aljustrel e Ofícios Correlativos do distrito de Beja e Setúbal. O representante do Conselho Central dos Sindicatos Checoslovacos, em conversações com o Secretariado da Intersindical Nacional, foi informado sobre a situação política em Portugal e sobre trabalho desenvolvido pela organização sindical portuguesa e pelos trabalhadores portugueses na defesa do processo democrático, rumo ao socialismo. O Secretariado da Intersindical manifestou a Viliam Kosik a gratidão dos trabalhadores portugueses pela solidariedade manifesta-

da pelo Conselho Central dos Sindicatos Checoslovacos.

## DELEGAÇÃO DO FRONT PROGRESSISTE VISITA O PARTIDO COMUNISTA

No passado dia 3, uma delegação do movimento francês «Front Progressiste» (gaulista de esquerda) em missão de estudo e de informação no nosso País, visitou o Centro do Trabalho do nosso Partido na Av. António Sérgio. Os camaradas Alvaro Cunhal, Secretário-Geral do nosso Partido, e Aurélio Santos, membro suplente do Comité Central e responsável pela Secção Internacional, receberam a delegação que era constituída pelos senhores Dominique Gallet, secretário político do Front Progressiste e co-presidente da Associação França-Portugal, Bernard Felli, delegado para as Questões Internacionais e Jean-Louis Delecourt, delegado-adjunto para as Questões Internacionais. O Encontro decorreu em ambiente de franca cordialidade.



# UNIR A JUVENTUDE, ESMAGAR A REACÇÃO

(Continuação da pag. 1)

teros. Devemos exigir que se descubram os incendiários e que eles sejam o mais severamente castigados.

Camaradas e amigos, Procurarei roubar o mínimo de tempo possível à vossa festa e convívio. Mas gostaria de responder, ainda que incompletamente, a três ordens de perguntas que muitos jovens trabalhadores fazem a si próprios e aos seus camaradas:

1.ª - Qual é o significado desta onda de terrorismo promovida pelos fascistas? Quem os dirige? O que pretendem? Qual é a sua tática?

2.ª - Como foi e é possível esta ofensiva terrorista?

3.ª - Como lhe fazer frente? Esta onda de terrorismo demonstra que o fascismo, como expressão violenta dos monopolistas, dos latifundiários e do imperialismo estrangeiro, continua a ser o inimigo principal.

Quem dirige os bandos fascistas são os lacaios dos homens do grande capital: a CIA, o ELP, os ex-FIDEs, os ex-Legionários e toda a restante corja fascista. Elementos do grupelho provocatório MRPP têm sido também assinalados entre os bandos fascistas.

O objectivo dos fascistas é, evidentemente, a tomada do poder político e a instauração de um regime de terror em Portugal.

A sua tática de momento é, na terminologia da CIA, desestabilizar a situação política causando o

maior número possível de perturbações; atacar o nosso Partido e a esquerda das Forças Armadas, como principais obstáculos aos seus objectivos; apoiar momentaneamente os sociais-democratas da direcção do PS para dividir as forças que se podem opor ao fascismo. Mas que não tenham dúvidas os dirigentes do PS. Se os fascistas conseguirem o seu primeiro objectivo tático, passarão imediatamente à segunda fase: a luta aberta contra o próprio PS. Que a este respeito se não iludam os manipuladores da política.

Felizmente para eles e para a Revolução Portuguesa há forças bastantes para fazer frente à ofensiva fascista e para a derrotar. Perguntam-se muitos jovens camaradas como foi e é possível esta

ofensiva terrorista dos fascistas? Ela foi e é possível fundamentalmente por duas razões:

1.ª - Porque apesar das constantes advertências do nosso Partido, o aparelho do Estado, quer militar, quer civil, ainda não foi devidamente saneado dos elementos fascistas.

2.ª - Porque, secundando a campanha do imperialismo americano e da social-democracia europeia contra a Revolução Portuguesa, a direcção do PS lançou, algum tempo antes do 11 de Março (e prossegue ainda), a mais vasta campanha anti-

comunista que até hoje teve lugar em Portugal. Evidentemente que o PSD, o CDS e todos os fascistas imediatamente ampliaram tal campanha. Esta campanha é hoje a cobertura ideológica do terrorismo fascista.

Quando hoje a direcção do PS diz que os bandos fascistas são o povo irado que repele os comunistas, continua a dar cobertura aos incendiários fascistas dos nossos Centros de Trabalho e dos baldios do povo.

Voltemos à questão do perigo principal, do perigo fascista e de como lhe fazer frente:

É necessário organizar os nossos camaradas de forma a poderem derrotar os bandos fascistas e dar-lhes os meios adequados para o efeito;

É necessário fazer intenso esclarecimento político sobre a natureza e os objectivos da actividade fascista;

É necessário desenvolver uma grande campanha de solidariedade política e material para com as organizações atingidas;

É necessário que sempre que se tem conhecimento de que algum Centro de Trabalho está a ser atacado, se exija das autoridades militares e civis pronta intervenção para reprimir os fascistas;

É necessário exigir das autoridades a prisão e condenação de todos os assaltantes e incendiários;

Finalmente, é necessário exigir o saneamento do aparelho de Estado e, em primeiro lugar, do aparelho militar, limpando-o dos fascistas e reaccionários perigosos. Naturalmente que isto, por si só, não basta para bater definitivamente o perigo fascista.

Bater definitivamente o perigo fascista envolve resolver todos os problemas respeitantes ao prosseguimento vitorioso da Revolução, o que implica: isolar politicamente os fascistas e reaccionários; reagrupar todas as forças que estão com o processo revolucionário, superando as divergências que neste momento sejam secundárias; defender as conquistas da Revolução, nomeadamente as nacionalizações e a Reforma Agrária; assegurar a ordem pública e garantir as liberdades democráticas; acumular forças e prosseguir a Revolução Democrática rumo ao socialismo.

O fascismo não passará! Viva a UJC! Viva o PCP!

## MÚSICA E POEMAS DA REVOLUÇÃO

A segunda parte do animado comício-festa foi preenchida por canções e poemas.

A iniciar, actuou um grupo de pioneiros do PCP, símbolo do futuro mais justo que hoje estamos a construir, a darem também a sua participação nesta jornada de solidariedade.

José Jorge Letria, José Barata Moura e Luís Cília interpretaram canções de luta e resistência, alertas à vigilância revolucionária que o momento exige, certezas inabaláveis de que a vitória é difícil, mas é nossa.

Mário Castrim, Ary dos Santos e José Viana também estiveram presentes, lendo os seus poemas de combate, satíricos, vibrantes, prendendo a assistência que longamente os aplaudiu.

A terminar com a chave de ouro, o Coro dos Mineiros de Aljustrel, que amanhã partirá para Paris para apresentar na festa do «Humanité» as nossas canções de luta e resistência, a voz do nosso Povo.

O comício-festa da UJC terminou já de madrugada, com a juventude presente dançando em grupos, plena de confiança no futuro que será nosso. O «Avante, Camarada!» e a «Internacional» cantadas em coro, foram a melhor forma de dizer presente.

## SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

No próximo sábado, no edifício dos Bombeiros Voluntários da Póvoa do Varzim, realiza-se, às 21 e 30, uma sessão de esclarecimento do PCP. Uma outra tem lugar na segunda-feira, às 18 e 30, destinada aos trabalhadores da Câmara Municipal do Porto.

Entretanto, está programada para os próximos dias uma série de sessões na cintura operária de Lisboa: hoje à tarde, na Cometa e na Habitat; amanhã à tarde, na Tofa e nos Cabos Átila; na segunda-feira na Lusitânia e na terça na Philips, ambas também à tarde.

Realiza-se no próximo sábado, em Estremoz, às 21 horas, na sede local dos Bombeiros, uma sessão de esclarecimento do nosso Partido na qual participará um camarada da Comissão Política. A sessão decorre sob as palavras de ordem «Contra a Reacção, Contra o Fascismo, Construamos a Unidade, Caminho da Vitória».

## 30º ANIVERSÁRIO DO ÓRGÃO DO PC AUSTRIACO

De 6 a 7 de Setembro, em Viena de Áustria, cerca de 100 000 pessoas participaram nas festas do 30.º aniversário do jornal «Volkstimes», órgão central do Partido Comunista Austriaco, em cujas páginas a solidariedade para com o processo revolucionário português mais tem fortalecido, as relações entre os dois partidos irmãos.

«Avantel!», por ocasião deste Aniversário do «Volkstimes» saudamos as camaradas austriacas, exprimindo-lhes toda a amizade e solidariedade dos comunistas portugueses.

## ENCONTRO UNITÁRIO DOS TRABALHADORES DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO DE ÉVORA

Por iniciativa da Comissão Distrital de Évora do nosso Partido realiza-se no próximo domingo, no Cine-Teatro Novo Semeado, em Montemor-O-Novo, o I Encontro Unitário dos Trabalhadores das Herdades Colectivas e das novas Cooperativas, do distrito de Évora.

Os principais pontos da ordem de trabalhos centram-se no debate da situação política actual e da Reforma Agrária e dos problemas surgidos a nível de crédito, apoio técnico, máquinas, comercialização e próximas sementeiras. Para participarem neste encontro foram convidados representantes dos Ministérios da Agricultura,

# RURAIS E METALÚRGICOS UNIDOS

Numa reunião realizada em Beja, operários e trabalhadores agrícolas demonstraram na prática a aliança que os une para o avanço da revolução

Trabalhadores Rurais e Metalúrgicos dão mãos e somam forças na tentativa de solucionar os problemas que se colocam a nível económico das empresas metalúrgicas e para o avanço da Reforma Agrária. Com este objectivo, realizou-se no passado dia 7, na Escola Comercial e Industrial de Beja, o I Encontro Distrital de Rurais e Metalúrgicos.

No Encontro, que foi promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja e pela Comissão de Trabalhadores Metalúrgicos de Beja, participaram representantes do Centro da Reforma Agrária, Sindicato dos Metalúrgicos, União dos Sindicatos do Sul, Governo Civil, Câmara Municipal de Beja, Liga dos Pequenos Agricultores, Ministério da Agricultura, Ministério do Trabalho, GNR, PSP e Movimento das Forças Armadas.

A urgente necessidade de reconversão das empresas metalúrgicas, às quais se colocam neste momento problemas de desemprego, de modo a ligá-las ao sector agrícola foi uma das conclusões do Encontro. O fracço (e em algumas zonas, nulo) nível de mecanização da agricultura levanta graves problemas à produção, correndo-se o risco de não se alocarem as terras na altura própria. Uma das soluções propostas consiste no fabrico de máquinas agrícolas leves no Baixo Alentejo e na reconversão das fábricas de montagem de automóveis de Setúbal, Vendas Novas e outras que passariam a produzir máquinas agrícolas pesadas.

Além do aceleramento do processo de mecanização, medida indispensável para o avanço da Reforma Agrária, foi também apontada a necessidade de imediata concessão de crédito aos trabalhadores das herdades ocupadas para aquisição de materiais e reparação de máquinas.

## URGÊNCIA PARA A PRODUÇÃO E PARA A INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Como resultado da reunião foi enviado ao Conselho da Revolução uma exposição na qual se apresentam soluções a médio e a longo prazo para a crise das empresas metalúrgicas e tendentes a fazer progredir a Reforma Agrária. E o seguinte o texto da exposição, aclamada unanimemente no I Encontro Distrital de Rurais e Metalúrgicos do Distrito de Beja:

mais de um milhão de contos pela Caixa Geral de Depósitos, ao Instituto da Reorganização Agrária, para ocorrer aos problemas de maior urgência de falta de fundos naquele organismo estatal, para financiar as novas unidades de produção agrícola; reconhecendo que tal verba é ainda insuficiente e deve e pode ser aumentada, tudo estando em que sejam pagas as grandes dívidas dos agrários e sendo indispensável esse pagamento de dívidas afim de que estas terras do Sul sejam postas a produzir como os trabalhadores têm provado que são capazes e o País precisa urgentemente, para não importar mais aquilo que pode criar; estando já muito atrasados os trabalhos da época e a comprometer-se gravemente a produção do novo ano, pois que os trabalhadores não têm verbas para pagar salários; já em dívidas há muitas semanas para reparar máquinas e comprar outras que são necessárias etc; solicitam veemente a V. Ex. as que tomem urgentes medidas para que sejam eliminadas com a maior rapi-

dez, as várias resistências que existem para colocar imediatamente o crédito ao dispor das comissões de trabalhadores das novas unidades de produção, por intermédio dos Centros Regionais de Reforma Agrária, sendo a distribuição feita sob o controlo dos sindicatos, das ligas e das próprias comissões de trabalhadores das unidades de produção.

E, do mesmo modo, sabendo que alguns outros milhões de contos foram atribuídos para o crédito de emergência para pequenos e médios agricultores e unidades colectivas de produção, para lhes facilitar adubos, rações, pesticidas, sementes e outros produtos em espécie, insitem para que tais créditos sejam alargados a outros produtos necessários à agricultura (combustíveis para maquinaria, etc), assim como todas as reparações de máquinas e que, com a maior firmeza, sejam vencidas as fortes resistências e desvios a que esse crédito tem estado sujeito em diversas comissões liquidatárias dos gremios da Lavoura, em certos

escalões dos bancos e de outros serviços não saneados.

Consideramos que estas medidas são da maior urgência para assegurar trabalho aos trabalhadores do campo e das oficinas metalúrgicas, para as libertar de situações de grave desemprego e, até, de fome já existentes. E que são também da maior importância e urgência para o aumento da produção do nosso País e para a defesa da independência nacional.

Nos assumimos as nossas responsabilidades acerca destes assuntos. Consideramos que também ao Conselho da Revolução cumpre assumir as suas responsabilidades, já que aqui, no Alentejo, apenas falta crédito para que a produção avance decididamente e isto está inteiramente dentro dos poderes e das possibilidades do Conselho da Revolução. Os trabalhadores rurais já demonstraram, este ano, que dispoem das terras fazem progredir a produção, ao contrário do que sucede quando as grandes propriedades estão nas mãos dos latifundiários.»

**DIVULGA O Avante! NO TEU LOCAL DE TRABALHO**

16 de Setembro na Praça do Campo Pequeno

Visite as LIVRARIAS Av. Santos Dumont, 57-c R. de Aviz - 26

**GRANDE COMÍCIO DO PCP**

edições Avante!

Apresentação de Novidades Lançamento do Grande Sorteio AVANTE!

Ofertas especiais Os livros mais caros aos preços mais acessíveis

- «Até Amanhã, Camaradas»
- «Documentos do Comité Central do PCP 1965/1974»
- «VII Congresso do PCP»

# informação

«Penso que, embora a situação política em Portugal esteja na generalidade a deteriorar-se, a correlação de forças ainda é favorável às forças revolucionárias» — afirmou à televisão húngara o camarada Álvaro Cunhal, que acrescentou: «Claro que os antagonismos existentes são muito grandes, mas, se as forças revolucionárias se unirem e forem capazes de preservar as suas organizações mais essenciais, elas poderão assegurar um tipo de desenvolvimento que aponta para o socialismo. Nós, comunistas, queremos dar as mãos a todas as forças interessadas na revolução».

Analisando o actual momento político em Portugal, a «Pravda» afirma — «Os ataques contra o Portugal novo estão a ser desencadeados de todos os lados». E prossegue: «Em Angola, imperialistas tentam frustrar o processo de descolonização. A intromissão de tropas sul-africanas neste território coincide com o aumento das actividades da FNLA, que se sabe ser financiada por monopólios norte-americanos e por Pequim. Acontecimentos sangrentos continuam a registar-se em Timor».

Um grupo de escritores belgas dirigiu um apelo a todos os intelectuais e à opinião pública do seu país, para que se solidarizem com as forças progressistas portuguesas. No apelo, afirma-se: «Pedimos a todos os homens e mulheres amantes da justiça e da liberdade para expressarem a sua solidariedade com os democratas que lutam para salvar Portugal dos horrores do fascismo e proteger as conquistas do povo português».

A juventude Comunista da Venezuela (JCV) manifestou o seu apoio ao processo revolucionário português face aos ataques das forças reaccionárias, em particular a União das Juventudes Comunistas, ao Movimento das Forças Armadas e aos trabalhadores portugueses.

Mais de mil escritores, cientistas, estudantes, sindicalistas, empregados e membros da classe média da RFA, assinaram até agora um apelo à solidariedade em que se «condena a ingerência reaccionária no desenvolvimento democrático de Portugal».

«Sabemos por experiência própria e histórica — afirma por sua vez a União dos Perseguidos pelo Regime Nazi de Berlim Oeste — sempre que a minoria do grande capital vê em perigo as suas posições de poder político e económico, recorre aos meios de terror psíquico e espiritual, mobiliza o fascismo e trata com ajuda de uma caça às bruxas anti-comunista de justificar as suas verdadeiras intenções, que sempre são dirigidas contra a liberdade do povo».

O secretariado da Federação Internacional dos Antigos Combatentes da Resistência Contra o Fascismo (FIR), manifestou, numa proclamação, a sua preocupação pelas acções terroristas registadas em Portugal, em particular no Norte do País, apelando para a solidariedade de todos os militantes anti-fascistas às forças progressistas portuguesas.

«Os dirigentes do Partido Socialista colocaram-se em oposição ao Movimento das Forças Armadas, e, voluntariamente ou não, ajudaram as forças contra-revolucionárias dentro e fora de Portugal — afirma o jornal soviético «Izvestia», que prossegue: «Trata-se de um grave erro de cálculo, porque a contra-revolução não parará a meio-caminho se puder satisfazer os seus sentimentos de vingança».

A Federação Sindical Mundial vai promover várias iniciativas de apoio às aspirações e às necessidades dos trabalhadores portugueses, de apoio à revolução portuguesa.

No seguimento de um acordo firmado entre Portugal e a República Democrática Alemã, os operários da Lisnave repararam já quatro navios pertencentes à frota mercante de alto mar da RDA.

O Comité Central do Partido do Povo do Panamá, solidariza-se com as forças progressistas portuguesas. «Apelamos a todas as forças progressistas do Panamá, hoje empenhadas na realização de transformações fundamentais na estrutura do Poder no nosso país, para que pratiquem uma solidariedade activa e directa com as forças revolucionárias de Portugal» — afirma-se no documento dimanado da reunião do CC.

O presidente do Partido Comunista Alemão, camarada Herbert Mies, dirigiu uma carta a Willy Brandt, em que afirma: «Seria no interesse de um desenvolvimento democrático em Portugal, no interesse da repulsa de ataques fascistas se o senhor, sendo presidente do Partido Social-Democrata, deixasse de embaixar-se nos assuntos internos de Portugal e não estimulasse mais o secretário do Partido Socialista Português, Mário Soares, a tomar posição e promover actividades dirigidas contra a unidade das forças democráticas».

Os negócios de Champilimad continuam a prosperar. Neste momento, Champilimad está a comprar o Banco de Investimento Novo Mundo, que foi vendido ao Banco Económico (Baía-Brasil). Por outro lado, a fábrica de cimento da Sociedade de Empreendimentos Industriais, Comerciais e de Mineração, deverá ficar brevemente pronta. Tudo isto com o volumoso auxílio do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico, que em princípio só pode financiar empresas brasileiras.

Representantes de 111 sindicatos da Grã-Bretanha manifestaram a sua solidariedade com os trabalhadores de Portugal e a sua luta contra o fascismo e o perigo de direita, na conferência anual do Congresso Sindical Britânico (TUC), em Blackpool.

«O Komsomol Leninista, a juventude da União Soviética, afirmam a sua solidariedade internacionalista e fraternal a juventude progressista de Portugal, aos comunistas e a todas as forças democráticas do país, e apoiam firmemente a sua luta conduzida pelo povo português para a construção de uma sociedade nova, livre e justa» — afirma-se numa declaração publicada pelo «Komsomolskaia Pravda», órgão da Juventude comunista soviética.

## Imperialistas, fora de Angola!

O processo de descolonização de Angola tem-se revelado particularmente complexo. Porque nele se reflectem as próprias hesitações do processo revolucionário em Portugal. Porque Angola — território particularmente rico — é presa que o imperialismo se esforça desesperadamente por conservar. Porque a reacção externa, na sua ansia de manter a exploração, tem apoios internos não negligenciáveis, apoios que surgem mesmo encobertos sob a pretensa capa de «movimentos de libertação».

Este conjunto de factores tem vindo a permitir uma cada vez mais descarada ingerência externa, que ultrapassa mesmo o nível económico e político, para assumir a forma militar directa. É por demais evidente que a ingerência militar, traduzida no apoio activo e material a forças que em nada defendem os interesses do povo angolano, é de há muito uma constante. Não é por acaso que surgem, entre os casos conhecidos, fornecimentos de armas a FNLA, levados a cabo por franceses. A intervenção estrangeira tem entretanto subido de tom. Passa de apoio militar indirecto a intervenção descarada, com movimentações de tropas e recrutamento e infiltração de mercenários.

Numa recente declaração, sete partidos políticos holandeses, que representam o centro e a esquerda e constituem a maioria parlamentar, condenaram a intervenção estrangeira em Angola, nomeadamente a da África do Sul e do Zaire. Estes partidos declararam que «o povo angolano deve ter todas as possibilidades de obter, a par da independência política, a sua independência económica», acrescentando: «Esta brutal intervenção estrangeira em Angola constitui uma ameaça grave tanto em relação a independência política como em relação a independência económica». Os desmentidos vindos entretanto a lume, em que as autoridades sul-africanas reiteram a sua política de não ingerência, pela qual dizem não permitir que mercenários ou outras tropas operem a partir do seu território, são frágeis argumentos perante a evidência da realidade.

Os destinos de Portugal e de Angola, estão, neste momento difícil da nossa revolução, particularmente ligados. As dificuldades em encarar frontalmente a subida de tom da luta em Angola, entre os que defendem os interesses do povo angolano, e os que se batem por uma perspectiva neocolonialista, tem muito a ver com a temporária inexistência em Portugal, de um poder revolucionário forte, e com capacidade operativa. O mesmo se poderá dizer, aliás, em relação a Timor.

Inversamente, a evolução da situação político-militar em Angola, não pode deixar também de encorajar ou dissuadir, as manobras reaccionárias que visam pôr em causa a revolução portuguesa. Se existe uma real interacção entre a evolução política de cada país em particular e a situação Internacional em cada momento, essa interacção tem forçosamente que ser muito mais profunda, sobretudo muito mais directa, entre dois países em que os vínculos coloniais ainda não foram definitivamente cortados.

Em Angola, como em Portugal, a intervenção da reacção externa é nítida, manifestando-se sem reboço ao lado daqueles que põem em causa o futuro de liberdade e de independência dos seus respectivos países, em nome da defesa dos interesses do capital. Se outros não houvesse, tais elementos de análise seriam suficientes para definir os campos em que se movem as diferentes forças políticas, a gama de interesses que defendem, independentemente das alisonantes palavras e razões apontadas.

Em Portugal, tal como em Angola, há intervenção externa da reacção. Só que o contexto geográfico-político não lhe tem facilitado o assumir de formas tão violentas como as que se tem vindo a verificar em Angola. Talvez uma das poucas vantagens de vivermos na Europa... Uma vantagem que atesta, entretanto, da importância da política internacional de paz na evolução dos processos revolucionários em cada país.

Em Portugal, tal como em Angola, há forças capazes de fazer frente, vitoriosamente, à ofensiva da reacção. Forças com implantação popular e determinação revolucionária. Forças que assegurarão a difícil vitória dos nossos dois povos, de há muito unidos na luta contra o Inimigo comum.

## O fascismo levanta a cabeça

Imitando o PPD, o CDS também recuperou a voz e a arrogância. Pretende agir agora como se fosse um grande partido de massas. Os seus dirigentes falam como se o tempo tivesse parado no dia 27 de Setembro. A sua linguagem é igual ou mais agressiva do que aquela que usavam os «leaders» da chamada maioria silenciosa. Uma linguagem de fascistas, saudosos do fascismo.

Famalicão foi a vila escolhida para a realização do comício através do qual o CDS quis marcar a sua presença numa zona do país onde impera hoje um poder reaccionário. E marcar também o seu desafio à ordem democrática, às liberdades, à Revolução.

A concentração reaccionária atraiu 20.000 pessoas ao Estádio Municipal. A fina flor da reacção de vários distritos, destacando-se a presença de centenas de marginais e caciques fascistas que participaram nos assaltos contra várias sedes do nosso Partido e nos saques e incêndios posteriores.

As palavras de ordem, as bandeiras e as faixas condiziam com a atmosfera fascista: «Galvão salva a Nação», «Portugal será belo com Galvão de Melo», «Por uma classe igual só com Galvão de Melo».

No estádio não havia cravos vermelhos. A flor do dia era o cravo branco. O branco da contra-revolução, o branco dos cravos descorados com que o general Galvão de Melo saudou a multidão que o aplaudiu com fervor fanático. O sr. Freitas do Amaral, presidente do CDS, não esteve com meias medidas. Exigiu o regresso dos militares aos quartéis. O papel das Forças Armadas, na sua opinião, consiste apenas em defender a ordem pública. Nada mais. E defendê-la como o faziam a PSP e a GNR no tempo de Salazar e Caetano. A onda de violência reaccionária que se registou no Norte merece pelo visto a aprovação do sr. Freitas do Amaral. Vê nela características revolucionárias e democráticas. É o que se desprende da insolente advertência que dirigiu ao almirante Pinheiro de Azevedo: «Se V. Exa quer a pacificação do Norte, veja se consegue a democratização do Sul».

Durante o comício, um orador fez o elogio do colonialismo e a crítica da descolonização. Foi também aprovada uma moção de solidariedade aos 24 jornalistas do «Diário de Notícias» (equipe que em grande parte presentemente

está a editar um jornal fascista ligado ao CDS) saneados pelo plenário dos trabalhadores daquela empresa. Foram apresentados como vítimas da luta por uma «imprensa livre».

O discurso do general Galvão de Melo assinalou o ponto alto do comício. O general afirmou que «é tempo de as palavras darem lugar às obras». Pensa que chegou «a hora». Para os que o ouviam e aplaudiam gritando historicamente esse apelo tinha um significado muito claro: a hora de estender a todo o País a onda de violência que os bandos fascistas desencadearam em certas regiões; a hora de desafiar frontalmente a ordem democrática; a hora da contra-revolução.

A evidência não pode ser negada. O comício promovido em Famalicão pelo CDS foi um comício fascista. Todos os oradores usaram uma linguagem própria de fascistas.

Em Abril de 1974, quando o povo e os soldados do MFA confraternizavam nas ruas numa grandiosa jornada revolucionária, parecia impossível que apenas 17 meses depois um Galvão de Melo pudesse falar como falou em Famalicão. Mas a realidade deve ser encarada com realismo. O fascismo volta a levantar a cabeça.

## Spínola sonha com o banho de sangue

Protegido pelos serviços de segurança franceses, Spínola conspira abertamente em Paris. As autoridades francesas rodearam o hotel Sheraton de um cuidadoso anel de segurança, para garantir ao ex-general, fugido de Portugal por traição à revolução do 25 de Abril, a necessária «tranquilidade» e sigilo na sua actividade provocatória. Por sua vez, as autoridades brasileiras permitem de facto o livre trânsito de Spínola e declarações públicas de conteúdo abertamente político, concessões que se chocam, nomeadamente, com a própria lei brasi-



leira. Denunciando a posição assim assumida pelas autoridades francesas, «L'Humanité», órgão do Partido Comunista Francês, afirma: «A presença em Paris do ex-general, a menos de três horas de voo de Lisboa, e a sua protecção pelos serviços secretos franceses, lança uma luz especial na posição do nosso Governo face aos acontecimentos portugueses».

A reacção nacional e internacional manifestam o seu público entusiasmo. O conhecido fascista brasileiro Carlos Lacerda, amigo íntimo de Spínola, declara: «a oposição portuguesa espera somente alguém capaz de coordenar a sua acção». De Londres, onde participava numa reunião de dirigentes «socialistas» da Europa, destinada a estudar detalhadamente a intervenção mais aperfeiçoada da social-democracia nos problemas internos da revolução portuguesa, Mário Soares declarava, por sua vez, admitir ainda haver «forças suficientes no país para fazer evoluir a situação no sentido da democracia, evitando os confrontos violentos e garantindo a paz civil entre os portugueses».

Para a reacção nacional e internacional «chegou a hora da grande explicação com os comunistas». Em entrevista concedida no Brasil e transmitida pela televisão francesa, Spínola afirma ter passado «toda a sua vida ao serviço da pátria e que não é, agora, que vai deixar de servir», acrescentando: «Não tenho nenhum preconceito anti-comunista, sou fundamentalmente democrata e, como tal, não aceito nenhuma forma de tomada de poder que não seja pela via democrática, o que exclui, evidentemente, a via revolucionária e estalinista de Álvaro Cunhal». Falando seguidamente dos objectivos do seu «movimento democrático de libertação de Portugal», Spínola afirma que este «movimento» se propõe estabelecer «uma base de reconciliação nacional no âmbito de um largo leque aberto a todas as correntes políticas, mas de que serão excluídos os renegados ao serviço de imperialismos estrangeiros e todos aqueles que não respeitem as liberdades fundamentais».

«Chegou a hora...» — este grito que a reacção tem repetido múltiplas vezes desde a manhã do 25 de Abril de 74. Nem sempre audível, muitas vezes em surdina. Grito que revela as esperanças ainda alimentadas, o encarniçado empenhamento com que tem preparado e desferido golpes sucessivos contra as perspectivas abertas pela revolução em Portugal. «Chegou a hora...» — grito que se repete novamente. Desta vez bem audível. Com unho abertamente agressivo, inovando-se embora na indecisão táctica e nos falsos mantos da «democracia».

Hesitante entre um caminho pacífico para a repressão sangrenta, fundado da progressiva deterioração política, o afastamento e isolamento das forças consequentemente de esquerda, o enredar nas malhas da actividade reaccionária de pessoas até há pouco empenhadas no processo revolucionário, mas demasiado fracas e hesitantes, temerosas dum futuro de verdadeiro socialismo, e a aberta violência das armas, a intervenção sangrenta sem arremedos legalistas, a reacção confia na sua vitória próxima, como já confiou de outras vezes em que saiu derrotada. São possivelmente diferentes as tácticas preconizadas, os caminhos ensaiados. É o tatear da via considerada mais segura e frutífera. Mas um mesmo eixo faz convergir as vontades dos que se encarniçam contra a revolução. O eixo que define a reacção, que define as forças consequentemente revolucionárias. O anti-comunismo. Todos se dizem democratas. Revolucionários. Socialistas. Abnegados defensores das liberdades ameaçadas. Contra os «renegados ao serviço de imperialismos estrangeiros e todos aqueles que não respeitam as liberdades fundamentais» (não se trata, como é óbvio, dos fascistas), contra a vanguarda das massas trabalhadoras — o PCP, contra todos os revolucionários conse-

quentes, os que não temem o futuro, nem tem privilégios ameaçados, não hesitam no caminho a seguir nem no campo em que militam.

Ao lado de uma reacção que grita vitória sem a ter conquistado, mesmo que inconscientemente, estão os que crêm nessa vitória. Os que fogem à luta por medo à sua dureza. Os oportunistas. Os vacilantes. Nas curvas apertadas da estrada da revolução, há sempre os que saltam pela borda. Há também os que temem, mas sabem avançar nas horas decisivas. São factos inevitáveis, que não enfraquecem o ímpeto das forças revolucionárias, antes lhes dão o necessário reforço da coesão, permitem clarificar perante os que ainda não compreendiam, quais os verdadeiros defensores, quais os verdadeiros caminhos da revolução.

A reacção grita vitória. Pensa poder sufocar pelo desgaste duma progressiva deterioração política, preparada em jogos de bastidores, nas agressões de bandos fascistas, que apodam de populares, pelo confusionalismo lançado na opinião pública, através de órgãos ditos independentes e uma linguagem em que os slogans revolucionários encobrem intentos abertamente contra-revolucionários, ou pela violência de um golpe armado, as organizações de vanguarda do nosso povo, quer a nível popular, quer a nível militar. Pensam poder ludibriar todo um povo, ou colocá-lo perante a evidência de um novo fascismo instaurado em terras de Portugal. Esse o seu erro. Essa a razão da certeza na nossa vitória.

## O PPD, os Açores e o «New York Times»

A reacção nacional e internacional, defendendo, concertadas, interesses comuns, tem-se vindo de há muito a esforçar por multiplicar atritos e fontes de novos problemas à revolução portuguesa, agitar questões artificialmente criadas, enganar, mobilizar tudo quanto seja mobilizável contra o processo revolucionário no nosso país. Empenhase, naturalmente, com mais encarniçamento, e com melhores resultados, nas zonas que o fascismo manteve mais atrasadas, mais presas de uma afiliva ignorância, e como tal susceptíveis de um relativo amplo campo de manobra. Por todo um conjunto de características, nomeadamente o seu afastamento geográfico, os Açores têm sido ponto preferencial para tal tipo de manobras, que atingiram entretanto um nível (naturalmente, porque isso foi permitido) do que nos leva a afirmar justamente, que hoje, nas ilhas açoreanas, se vive de novo o 24 de Abril, um 24 de Abril de que praticamente ainda não se tinha furtado.

No contexto de um visível ascenso das forças reaccionárias nos Açores, não deixa de ser curioso anotar o tipo de comentários que se inserem na imprensa do mundo capitalista, em particular na imprensa dos EUA.

Para o New York Times, por exemplo, Portugal «domina os Açores há 400 anos». Tal facto, somado ao «temor de que um governo comunista instalado em Lisboa possa forçar o rompimento das relações das ilhas com os Estados Unidos e fechar a grande base norte-americana instalada nas Lages», justificaria mais do que plenamente a existência de uma organização que diz bater-se pela independência (FLA), organização que teria o amplo apoio de toda a população. «Todos os açorianos conhecem o movimento clandestino de independência chamado FLA — afirma o New York Times — mas ninguém diz o nome dos seus chefes (o que pelos vistos também é do conhecimento geral) e poucos admitiriam que participam do movimento, mesmo falando confidencialmente» — facto um pouco difícil de entender, pois, como é do conhecimento público, são os verdadeiros democratas, são os comunistas, que são perseguidos e expulsos nos Açores, e não os membros das organizações fascistas, que se dão mesmo ao luxo de elaborar listas de reivindicações, com cariz de ultimatum, e fazer, por conta própria e impunemente, a caça às bruxas dos elementos consequentemente progressistas. De resto, para o New York Times, «todas as pessoas deste arquipélago» falam livremente. Teríamos muitas objecções a levantar a esta afirmação, mas como para o jornal americano, pessoas e reaccionários, são sinónimos, compreende-se o conteúdo da afirmação, ainda que se possa chocar com a feita anteriormente...

Um dos aspectos que mais se salienta, nesta original luta pela «independência», é o oportunismo do seu aparecimento e das suas condicionantes. Que sabemos, nunca, antes do 25 de Abril, ao longo dos quase 50 anos de fascismo, se ergueu em terras açoreanas um movimento pela independência do que nunca foi dominado. E no entanto, o atraso em que estas terras foram mantidas, atraso que hoje dá base às manobras da reacção, justificaria, pela sensação de abandono, qualquer movimento desse género. Mas nessa altura os interesses dos americanos andavam bem acatrelados (em detrimento dos dos portugueses), e os arautos da «libertação» dos Açores consideravam-na perfeitamente dispensável, e mesmo lesiva dos seus interesses. Para além disso, este movimento «independentista» surge condicionado à evolução da situação política no país. Para o sr. Silvano Neves Pereira, líder socialista, para tomar um exemplo, seria preferível, simplesmente, uma maior autonomia, «desde que não ocorra a definitiva tomada do poder pelos comunistas «no Continente». Mário Soares declarou-se igualmente favorável à «autonomia administrativa e política» dos Açores. Para sr. Mota Amaral, deputado do PPD, tudo depende igualmente do desenrolar dos acontecimentos em Portugal. Não podemos dirigir-nos às Nações Unidas — afirma em declarações — Flore Lewis no New York Times — como fizeram a Guiné-Bissau e Moçambique e solicitar a nossa independência. Não nos dariam ouvidos. Precisamos decidir e agir, primeiramente, para em seguida pedir permissão».

As forças que em Portugal se voltam, de facto, contra o processo revolucionário, os que declaram mesmo pretender inflectir tal processo pela força das armas, todos os que afinam pelo diapasão do anti-comunismo, são os mesmos que defendem os movimentos fascistas nos Açores, os mesmos que encontram defesa e acolhimento na imprensa do mundo capitalista. Uma unidade evidente. E esclarecedora.



• O embaixador da África do Sul, RF Botha, declarou em Washington que o seu país estava a considerar a possibilidade de abandonar as Nações Unidas «porque os seus esforços para suavizar as divisões raciais internas e fomentar as relações com as Nações da África negra tem merecido pouca compreensão ou resposta». O Governo de Vorster confia nitidamente em excesso na suposta ingenuidade política dos governos das nações progressistas, na limitada capacidade da sua inoperante demagogia.

• Cerca de dez mil refugiados, que fugiram para a Tanzânia durante os anos de guerra colonial, deverão regressar a Moçambique em grupos de 300.

• O jornal chileno «La Tercera de la Hora» anunciou que a China está disposta a comprar ao Chile um lote importante de produtos químicos, estando em curso negociações sobre o assunto. Curioso notar números particularmente significativos. Durante os três anos em que vigorou o Governo de Unidade Popular, Pequim importou do Chile mercadorias no valor de 120 milhões de dólares. Entretanto, só no ano de 1974, as suas importações de origem chilena atingiram o montante de 100 milhões de dólares.

• Pela segunda vez em menos de quatro anos, o governo boliviano ordenou o encerramento temporário das Universidades, para «reorganizar os seus programas e banir o excesso de politização».

• Nos últimos quatro anos, a produtividade do trabalho na indústria química, na siderurgia, e na construção de máquinas nos Urais, na União Soviética, elevou-se de 24 por cento.

• Georges Seguy, secretário-geral da CGT francesa, declarou, após se referir ao rebaixamento do poder de compra dos franceses e ao brutal aumento do desemprego: «a política de Giscard d'Estaing e dos seus amigos foi sempre maduramente pensada e inteiramente conhecida para responder às necessidades de uma pequena minoria de grandes privilegiados».

• A República Democrática da Coreia apresentou um protesto contra a concentração de armamentos e de forças da parte dos Estados Unidos e da Coreia do Sul na zona desmilitarizada. Foi salientado que «os imperialistas norte-americanos estão a conspirar para transferir para a clique fantoche sul-coreana numerosas armas novas e equipamento de combate, incluindo mísseis tele-guiados e aviões de caça».

• Foi criada, por acordo entre a Argélia e a República da Guiné-Bissau, uma sociedade mista de pesca, com sede em Bissau, que tem como objectivo a pesca, transformação e comercialização dos produtos do mar, que serão destinados, por ordem de prioridades, a satisfazer as necessidades dos dois países.

• Em discurso pronunciado por ocasião da comemoração do aniversário da proclamação da independência do Uruguai, o presidente Bordaberry declarou arrogantemente que o Uruguai vive actualmente uma nova «legitimidade», afirmando que se propõe não permitir, nunca mais, um retorno do regime constitucional. Só que, infelizmente para o sr. Bordaberry, isso não está unicamente nas suas mãos. Como é próprio da reacção, Bordaberry não conta com o povo do seu país, com a sua capacidade para reconquistar a liberdade perdida.

• A revolução peruana aprofundará a sua acção até que «a escala de valores do capitalismo tenha desaparecido da nossa sociedade», afirmou o presidente Francisco Morales Bermudez, numa mensagem à nação.

• O presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, camarada Luís Cabral, deu uma conferência de imprensa em Roma, com o objectivo de ilustrar os progressos registados no novo Estado africano no campo do desenvolvimento sócio-económico.

• Com 174.400 desempregados recenseados no fim de Agosto (2100 mais do que no fim de Julho), a taxa de desemprego atingiu na Bélgica 6,6 por cento da população activa.

• Começou a evacuação da base aérea norte-americana de Nakon-Panom, na Tailândia, operação que uma vez terminada, limitará a 200 aviões e menos de 16 mil homens o total de forças norte-americanas em território tailandês.

• O programa de auxílio de 200 mil dólares concedido, em Julho último, pelo Conselho Ecueménico das Igrejas a Cabo Verde, será aumentado, tendo em vista a assistência agrícola às ilhas, em particular de fertilizantes.

• A actual crise económica nos Estados Unidos é a mais grave depois da dos anos 30. De finais de 1973, até meados de 1975, o produto nacional bruto deste país diminuiu em mais de 7 por cento, enquanto o número de desempregados quase duplicou, atingindo oito milhões. Os despedimentos em maior número verificaram-se nas indústrias automóvel, de aço, da construção civil, dos têxteis, e nas construções mecânicas.

• O terror fascista no Chile acaba de ser ainda mais agravado com a saída de uma nova lei que determina que serão sancionados «com penas de cinco a dez anos de trabalhos forçados, ou expulsos de território nacional, todos os que perturbarem a ordem pública ou incitarem à resistência ou ao derrubamento do Governo constituído».

• O ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Revolucionário Provisório do Vietnam do Sul, camarada Nguyen Thi Binh, afirmou, em Caracas, que o povo vietnamês se mantém vigilante às manobras dos Estados Unidos, entre as quais mencionou a recusa da entrada do Vietnam do Sul para a ONU e o embargo comercial contra o seu país.

# informação

## Uma Lição do Equador

Quatorze oficiais superiores que participaram no golpe militar que visava derrubar o presidente do Equador, General Guillermo Rodríguez Lara, vão ser julgados por um tribunal militar, acusados de alta traição. Muitos outros membros das Forças Armadas serão afastados de cargos de confiança que ocupam, pois mantinham íntimas ligações com alguns dos oficiais envolvidos na conspiração chefiada pelo general Gonzalez Alvear.

Os partidos e forças progressistas do Equador, que se colocaram ao lado do governo de Rodriguez Lara, quando o Palácio Presidencial começou a ser atacado pelos rebeldes direitistas cujas ligações com a embaixada americana eram conhecidas — estão persuadidos de que estão criadas agora condições para importantes medidas políticas e administrativas que as massas populares vêm exigindo há muito. O saneamento, tanto nos quartéis como no aparelho de Estado, é agora uma inevitabilidade e permitirá que o Governo de Rodriguez Lara, que se diz revolucionário e nacionalista, concretize algumas das promessas contidas na proclamação de 1972.

Em vários países latino-americanos, os órgãos de Informação democráticos chamaram nos últimos dias a atenção para o comportamento provocatório que várias agências noticiosas ocidentais desempenharam na noite do golpe. Nos telex enviados para o exterior, algumas dessas agências deixaram transparecer, pela forma como agiram, que os seus directores e redactores não só tinham conhecimento antecipado da conspiração como desejavam a vitória do grupo de oficiais fascistas de Gonzalez Alvear. É sintomático que o texto da proclamação reaccionária do chefe dos rebeldes tenha sido transmitido para o estrangeiro quando não tinham sido disparados ainda os primeiros tiros no assalto ao Palácio. Por outro lado, na avallação da correlação de forças, as agências americanas deturpam intencionalmente os factos. A Associated Press teve, por exemplo, o descaro de afirmar que Gonzalez contava com o apoio da maioria do Exército, da Força Aérea e da Marinha. Atribuiu, como habitualmente, a informação a «fontes geralmente bem informadas». Quais? O próprio Gonzalez? A CIA? A AP, como a UPI e a EFE franquista, desejavam tanto a vitória do golpe fascista que a apresentaram como uma quase certeza quando as forças legalistas já tinham praticamente esmagado o putsh militar.

Trata-se das mesmas agências, note-se, que criaram desde Setembro de 1970 uma série de problemas à Unidade Popular chilena e que tudo fizeram para oferecer ao mundo uma imagem falsa do governo de Allende. No Peru, o envolvimento da UPI e da AP (e também da Reuters-Latin) em várias conspirações contra-revolucionárias foi publicamente denunciado pelo governo daquele país quando se viu obrigado a expulsar correspondentes americanos e revelar as ligações que mantinham com CIA.

No caso do Equador, os textos dos telex transmitidos constituem verdadeiras peças de acusação. São documentos que retratam os seus autores e os métodos de agências que diariamente se apresentam como defensores da «liberdade de imprensa». Para nós, portugueses, é uma lição a não esquecer. Aquil, em Portugal, os senhores que dirigem a United Press e a Associated Press pensam e trabalham exactamente como os seus companheiros dos escritórios de Quito. Já se tornaram ambos famosos internacionalmente pelas crónicas de Lisboa, fanaticamente anti-comunistas, recheadas de informações falsas e de análises catastróficas. Um e outro já foram apontados por outros correspondentes estrangeiros ocidentais, como exemplos de jornalistas desonestos, empenhados em deturpar sistematicamente, no dia a dia, a imagem da Revolução Portuguesa. Sonham ambos com um golpe. Mas o sr. Broening, da AP, não fica no campo dos desejos. É considerado o mais dinâmico informador de todos os jornalistas do seu país que chegam a Lisboa. Tenta sempre transmitir a todos o seu ódio profundo aos comunistas. Agora concentrado contra o PCP.

## Apoio à luta do povo de Porto Rico

Realizou-se em Havana, entre 5 e 8 do corrente, uma Conferência Internacional de Solidariedade com a Independência de Porto Rico, convocada por organizações de 28 países e de entidades internacionais.

Porto Rico, é um dos mais flagrantes exemplos da política colonialista do imperialismo americano, que se manifesta de uma forma particularmente abjecta, quer pela completa dominação económica e política, que se tenta entretanto acobertar, quer pelo esmagamento da cultura e da expressão nacionais, e por uma vergonhosa política de genocídio, que aliás é extensiva, em diversas escalas, a outros países do continente americano.

Uma delegação portuguesa, esteve presente nesta Conferência, tendo, a propósito, difundido um apelo que, pelo seu significado, transcrevemos parcialmente:

«Quando a Humanidade acaba de festejar o 30.º aniversário da histórica vitória da URSS e de outros povos sobre o fascismo, no momento em que a luta contra todas as formas de colonialismo, racismo e discriminação se intensifica no mundo — em Porto Rico a raça é um factor de discriminação, as mulheres são esterilizadas e os combatentes pela independência e pela democracia são perseguidos».

«O povo portorriquenho, tal como outros povos do mundo, nunca deixou de lutar heroicamente pelo seu sagrado direito de ser livre, soberano e independente; de lutar por uma cultura e língua próprias; de lutar pelo direito a viver com plena dignidade».

«Durante 76 anos de jugo colonial norte-americano, o povo de Porto Rico não regateou a luta, o seu próprio sangue: os presos políticos mais antigos do continente são portorriquenhos».

«Os povos do Mundo têm o dever de redobrar o seu apoio para que em Porto Rico sejam derrotados os causadores dos crimes do Vietnam, do Chile, da Palestina e de outros pontos do Mundo; para que a libertação do povo portorriquenho signifique uma nova vitória da causa da liberdade, da paz e do progresso social, que avancem determinadamente por toda a parte».

## A paz distante no Médio-Oriente

Pela mão de Kissinger, Israel e o Egipto assinaram, numa rápida cerimónia realizada no Palácio das Nações, em Genebra, um pretendido acordo provisório de paz no Sinai.

Num virulento discurso pronunciado na sede da União Socialista Árabe, partido único do Egipto, Anwar Sadat, atacou os países e organizações árabes, em particular a Síria e as organizações palestinas, pela sua manifesta oposição ao acordo assinado. Atacou ainda, em particular, a União Soviética, acusando-a de tentar dividir a nação árabe. Paralelamente exprimiu os seus agradecimentos a Ford, declarando que os seus esforços pessoais tinham desempenhado um papel fundamental na conclusão do acordo. Numa frouxa tentativa de ilibar o acordo das acusações que contra ele são dirigidas, Sadat gritou que o Egipto aceitara negociações sempre que elas forem «no nosso interesse» (não explicitando assim, como é óbvio, no interesse de quem).

Entretanto, os Estados Unidos dirigiram um apelo aos países industrializados (do mundo capitalista, naturalmente), para que concedessem empréstimos ao Egipto, no



montante total de mil milhões de dólares, visando conseguir implantar a «paz» no Médio Oriente. Correspondendo a esse apelo, o Governo japonês decidiu conceder ao Egipto um empréstimo de cem milhões de dólares.

O acordo ora assinado entre os dirigentes do Egipto e de Israel, tem vindo a ser profundamente contestado por todas as forças progressistas que justamente veem nele, não um passo para a Paz ansiada pelos povos árabes, mas uma capa que encobre inadmissíveis cedências reais e o alargamento da capacidade de manobra para todas as forças de direita do mundo árabe. Foi igualmente contestado por uma obtusa direita israelita, que conhece bem a força das armas, mas muito mal, o fértil campo da manobra política.

O discurso de Sadat, o conjunto de reacções internas e externas ao acordo falam, por si, do seu real significado. Sadat atacou os mais consequentes destacamentos progressistas do mundo árabe. Atacou, em termos particularmente violentos, a União Soviética, baluarte do mundo socialista, que tem desenvolvido uma actividade tenaz para que seja alcançada uma justa paz no Médio Oriente, e que, nesse sentido, tem concedido um inestimável auxílio ao mundo árabe, e em particular ao Egipto. Sadat elogiou de facto, na figura de Ford, a acção do imperialismo americano. Sinistra acção, feita de esforços persistentes para coartar aos povos árabes a possibilidade de uma justa solução para as agudas tensões criadas no Médio Oriente pela acção agressiva de Israel, ponta de lança do imperialismo nesta zona do mundo, para lhes tentar cerrar os horizontes de uma vida diferente, de uma evolução progressista, livre da intolerável exploração e pressão política do mundo do capital.

Contrastando com o evidente entusiasmo com que o acordo foi acolhido entre os políticos do mundo capitalista, contrastando com a satisfação demonstrada pelo sr. Kissinger (uma vitória, entre tantas derrotas, é sempre bem vinda), e mesmo com a boa vontade nos auxílios económicos, as forças progressistas árabes patentearam de uma forma inequívoca o seu repúdio, quer pelos comentários vindos a lume, quer através de manifestações de palestinos, que se tem vindo a processar em Damasco.

Uma Paz justa, uma Paz real, que não seja que não seja um arremedo ou um reforço das forças reaccionárias, tem que ter fundamentalmente em conta a defesa dos interesses populares, dos interesses dos povos, das massas trabalhadoras. A Paz que se preconiza, não é a que consagra a iniquidade do descarado intervencionismo estrangeiro, não é a que põe em causa os mais sagrados direitos dos povos, mas a que impõe as forças reaccionárias situações favoráveis a defesa dos interesses populares. Noutras circunstâncias, não há, não pode haver, paz. Haverá sim, uma situação transitória, que traduz esitações e oscilações dos sectores mais débeis, e uma temporária fraqueza relativa das forças progressistas. O curso inexorável da História não permite que tal paz seja estável.

O acordo que se impõe para a criação de condições de Paz no Médio Oriente, terá que ter em conta a voz de todos os interessados, não poderá jamais fazer tábua rasa da própria existência, e dos direitos do povo palestino. Será sem dúvida um acordo pouco do agrado de Ford ou Kissinger. Mas é o único garante da verdadeira Paz. A Paz que tarda no Médio Oriente.

## O franquismo legaliza a falta de liberdades

A nova lei-fascista «anti-guerrilha» decretada pelo governo de Franco, começou de imediato a ser utilizada, agravando o já brutal regime repressivo. Garmendia e Otaegui, condenados à morte à sombra da nova lei, geraram em seu redor uma vasta campanha nacional e internacional para salvar as suas vidas, que o fascismo espanhol quer liquidar. Manifestações e apelos em todo o mundo. Em Espanha, 400 presos políticos, nas diversas prisões do país, entraram em greve de fome, desafiando o agravamento das suas condenações. Entretanto, numa

das maiores rusgas empreendidas pela polícia nestes últimos anos, foram efectuadas mais 36 prisões.

O sector da imprensa foi particularmente atingido por uma lei que cinicamente se atribui a intenção única de ataque ao terrorismo. Assim, horas depois da aprovação do decreto, as autoridades franquistas confiscaram quatro semanários, o que levou os directores dos jornais espanhóis a consultar demoradamente os seus advogados, para saberem o que podem escrever... É evidente que, já anteriormente à saída deste decreto, a liberdade de imprensa era expressão sem significado. Durante o primeiro trimestre do corrente ano, a apreensão de jornais e revistas pelo Governo atingiu a média de um por semana. Treze jornalistas foram julgados e dois encarcerados. Ao abrigo da Lei de Imprensa, era teoricamente garantida a liberdade de expressão, desde que os meios de informação «respeitassem devidamente as instituições e pessoas nas suas críticas a acção política e administrativa». Outra condição era o respeito pelos princípios constitucionais do Governo de Franco e «imperativos da defesa nacional, da segurança do Estado e da manutenção da ordem pública». Na realidade, os condicionamentos colocados pela lei, anulavam a pressuposta liberdade de expressão.

Era sem dúvida uma situação grave, e atentória dos mais elementares princípios democráticos. Mas hoje, as dificuldades tornaram-se quase insuperáveis. Só a imprensa fascista goza de plena liberdade de expressão. Os jornalistas não sabem o que escrever ou dizer, sem ser suspensos, despedidos, ou presos, ou ver os jornais suspensos ou cancelados. É o domínio do arbítrio. Os jornalistas considerados transgressores, ou seja, todos os que manifestam qualquer simpatia por forças ou personalidades progressistas, podem ser suspensos até um ano e despedidos, bem como o seu chefe de redacção. A lei prevê suspensões de três meses para os diários, de seis meses para os semanários e de um ano para os outros periódicos.

A publicação da lei «anti-terrorista», a sua imediata aplicação num sector tão sensível como o da informação pública, revela bem a força e a fraqueza relativas do fascismo espanhol. Força, por lhe ser possível a publicação de uma lei que legaliza a anulação, de facto, dos mais elementares direitos humanos. Expressão de fraqueza, por se lhe tornar necessário o agravamento repressivo, o aperfeiçoamento da sua cobertura legal, para fazer face à persistente luta do povo espanhol. A lei «anti-terrorista» é a negação da pretensa «via liberal», a revelação do seu falhanço. Falhanço que não pode deixar de ser considerado como uma derrota para o fascismo espanhol e para o mundo capitalista, vivamente interessado na criação de uma imagem diferente, mais «democrática» para a Espanha, imagem que facilitaria nomeadamente a sua inserção nas organizações duma Europa que se auto-denomina «livre».

A lei «anti-terrorista» colocará novos obstáculos no caminho dos que, em Espanha, se batem por uma verdadeira democracia, tornará mais duras as condições da sua luta. Mas não a poderá, nunca, sufocar. A última palavra pertence ao povo espanhol.



CAMARADA

ASSINA  
E  
DIVULGA  
O

Avante!

BOLETIM  
DE  
ORGANIZAÇÃO  
DO  
PARTIDO  
COMUNISTA  
PORTUGUÊS

ORGÃO CENTRAL  
DO  
PARTIDO  
COMUNISTA  
PORTUGUÊS

REVISTA  
INTERNACIONAL

acaba  
de sair  
o n.º 7 de 1975

- A Vitória do Vietname e a sua Importância Internacional
- De um Atraso Secular ao Socialismo Desenvolvido
- Um Factor Decisivo de Estabilidade e de Progresso na Europa
- A Natureza de Classe e o Papel Novo do Exército na Sociedade Socialista
- Os Comunistas na Luta pela Unidade Democrática
- A Classe Operária e os Seus Aliados

À venda  
nos Centros  
de Trabalho  
e nas Livrarias

Assina,  
Lê,  
Divulga

# ROMÉNIA: 31 ANOS DE SOCIALISMO

**A liquidação do fascismo é uma data imorredora. Uma Festa do trabalho e da construção do socialismo. A alegria é uma conquista social quando os trabalhadores têm nas suas mãos o futuro**

O 23 de Agosto na Roménia não é um feriado nacional de recordação longínqua, inscrito no calendário e assinalado por um desfile nas ruas. É uma grande Festa Nacional que todos os anos adquire vida nova, no país inteiro, com o respeito popular pelas vitórias do socialismo. O povo romeno celebra nesse dia a libertação do fascismo, derrotado em Agosto de 1944 pelo Exército Soviético e por todas as forças patrióticas e democráticas da Roménia, encabeçadas pelos comunistas e unidas no objectivo comum de libertar o país do domínio da Alemanha nazi e da ditadura fascista de Antonescu com a sua Guarda de Ferro, bando de criminosos adestrados pela Gestapo em Berlim. De «Estado nacional-legionário», subjugado pelos monárquicos nazis em 1940, a Roménia, em Agosto de 1944, passou a combater de armas na mão ao lado da União Soviética e de todas as forças antifascistas contra o III Reich. O Partido Comunista Romeno estava na primeira linha dessa luta vitoriosa. Foram as grandes greves de 1940-44, as sabotagens da máquina de guerra fascista, todos os actos de abnegação e heroísmo praticados pelos comunistas e por outros patriotas, nesses anos duros de luta clandestina, que o PCR, a República Socialista da Roménia e todos os trabalhadores romenos comemoraram de novo este ano, o do 31.º aniversário da grande vitória sobre o fascismo. Mas hoje não é só essa vitória que se celebra. São também as conquistas diárias da produção, a superação do Plano Quinquenal, a unidade do povo romeno e o seu progresso em todos os campos de actividade. São todas essas vitórias, as vitórias dos trabalhadores organizados, que fazem do 23 de Agosto uma grande Festa Nacional a que o «Avante!» assistiu este ano.

Nesta Verão de 1975, quando os comunistas portugueses voltam a dar a vida pelas liberdades democráticas, combatendo o flagelo fascista, nenhum comunista português poderia assistir a uma comemoração da vitória sobre o fascismo num país socialista sem uma grande esperança no povo a que pertence, sem sentir profundamente que todos os sacrifícios, todos os anos de luta são um percurso comum dos trabalhadores de todo o mundo na conquista do socialismo.

Vendo desfilar os milhares de trabalhadores e trabalhadoras da Guarda Operária, vendo desfilar as centenas de milhares de homens e mulheres das fábricas, das cooperativas, dos serviços, das organizações do Partido, da juventude, dos estudantes, dos intelectuais, numa grande praça de Bucareste, sentindo a meu lado a estima e a solidariedade dos comunistas romenos para com o nosso Partido, para com as outras forças democráticas, o Povo Português e a nossa Revolução, não podia deixar de lembrar como o nosso caminho é o caminho certo e com que força teremos de manter aberta a porta do futuro.

## DE MESA POSTA E CORAÇÃO ABERTO

Passé duas semanas na Roménia. Não estive apenas em Bucareste. Visitei várias cidades do país. Percorri as estradas, as ruas, os novos e os velhos bairros, as zonas industriais e comerciais, os centros universitários. Vi como trabalha, como produz e como desfruta o povo romeno. Falei com trabalhadores, com dirigentes sindicais, fabris e de cooperativas agrícolas, com membros do Governo, da Administração e do Comité Central do PCR. Acompanhado por um camarada jornalista do «Scintila», órgão central do Partido Comunista Romeno, que conhece a nossa língua como a dele, tive ao meu alcance uma ampla visão do país, dos seus progressos no campo económico-social, na constante melhoria das condições de vida de todo o povo, na decisão de todas as horas com que os trabalhadores constroem o socialismo, participando na vida política, produzindo mais e aumentando a qualidade dos produtos, intensificando a exportação, melhorando constantemente a qualidade e eficácia de todos os ramos do ensino, estreitamente ligado ao trabalho científico e ao trabalho manual, nas fábricas, nas cooperativas, nas herdades do Estado.

Encontrei profunda simpatia pelo nosso processo revolucionário. Nunca vi escassear o interesse, um interesse solidário, pelo nosso rumo para o socialismo e pelo papel que nele desempenham o nosso Partido e as outras forças revolucionárias. Na ansia de contactos mais estreitos entre os dois povos, deparei com um interesse surpreendente pela história do Povo português. Vi, enfim, como o 25 de Abril é uma porta sempre aberta para o povo romeno e para todos os povos do mundo.

O convívio é fácil e directo com a gente romena. Não é preciso solici-tá-lo ou rodá-lo de cuidados. Quem vive com alegria não fecha o rosto aos estranhos. Quem tem o futuro assegurado pelo seu trabalho, quem não precisa de mendigar um pouco de saúde para si e para os filhos, quem não gasta as suas melhores horas de repouso em transportes cansativos entre a casa e o trabalho, quem termina as suas oito horas de trabalho diário (48 horas semanais para todos) por volta das três e meia da tarde, quem pode estar tranquilo quanto ao ensino completamente gratuito em todos os escalões, quanto ao repouso, à assistência na doença e na velhice, ao cuidado dos filhos

em creches modelares e gratuitas, não tem grandes motivos para desprezar o contacto amigo com gente de outros povos. Por isso a recebe de mesa posta e coração aberto.

Nos grandes armazéns de Bucareste e das outras cidades, onde apenas se não vê o luxo espaventoso, nas ruas e nas casas cobertas de flores, nos cinemas, nos teatros, nos jardins de grande beleza, numerosos e sempre apinhados, os trabalhadores romenos fazem a sua vida com a serenidade própria de quem dispõe por inteiro das suas energias para dedicar à construção do socialismo, que o mesmo é dizer à protecção e educação da família, à segurança de emprego, ao acesso à cultura, a uma velhice protegida, a um repouso anual para todos em condições nunca sonhadas pela imensa maioria dos trabalhadores dos países capitalistas.

## OS TRABALHADORES SÃO PROPRIETÁRIOS E PRODUTORES DE TODOS OS BENS

Falei mais de duas horas com Paul Nagy, secretário-geral da Central única dos trabalhadores romenos, a União Geral dos Sindicatos da Roménia (UGSR). Não se tratava de uma entrevista. Era antes uma troca de experiências forçosamente rica da parte dele do que da minha. Mesmo assim, interessou-se vivamente e comentou o que lhe contei sobre o nosso Movimento Sindical e sobre a sua luta pela unidade dos trabalhadores portugueses.

Depois de uma breve referência histórica ao desenvolvimento da indústria no seu país, ao crescimento do operariado no século XIX, à sua organização sindical e ao papel por esta desempenhado na aprendizagem do marxismo, Paul Nagy recorda que foi dos sindicatos que saíram os primeiros elementos para a formação do Partido Comunista Romeno.

A partir de 1921, ano da fundação do PCR, os sindicatos começaram a participar em todas as lutas políticas sob a direcção do Partido, nomeadamente em 1933 contra a crise económica e, após um período de esclarecimento, já na posse de um programa, com o objectivo de derrubar o regime e construir uma sociedade do interesse dos trabalhadores.

Com a insurreição armada de

1944, sob a direcção do PCR, o papel dos sindicatos mudou. A partir dessa data, dedicaram-se à organização dos trabalhadores para a restauração da economia e para a passagem à industrialização do país, de forma a fazê-lo sair do subdesenvolvimento e da crise profunda resultante da II Guerra Mundial e da agressão nazi-fascista. A Base para isso era muito fraca. Daí os grandes esforços e sacrifícios dos trabalhadores romenos. E essa fase difícil foi vencida a caminho do socialismo porque «para cada comunista, para cada cidadão, o trabalho é um dever de honra, um dever fundamental». Como refere o «Código de Princípios e Normas do Trabalho e da Vida dos Comunistas», aprovado no XI Congresso do PCR, em 25 de Novembro de 1974, todos os trabalhadores «devem dar provas de elevada consciência profissional, competência, espírito criador, devoção e paixão pelo trabalho». «Têm que manifestar combatividade e intransigência perante a indisciplina, a superficialidade e a falta de responsabilidade no trabalho. Os membros do Partido Comunista Romeno e da União da Juventude Comunista têm a obrigação de aperfeiçoar continuamente a sua preparação profissional e de especialidade, de enriquecer permanentemente o seu horizonte cultural e científico». Foram estes princípios, constantemente seguidos e lembrados que permitiram assegurar o controlo económico sobre todos os bens, ainda antes das nacionalizações, que só se efectivaram em 11 de Junho de 1948.

Liquidado o feudalismo e iniciada a reforma agrária logo em 1945 — lembra ainda Paul Nagy — caminhou-se a passos largos para a transformação socialista da agricultura. Os pequenos proprietários só depois da reforma agrária se tornaram verdadeiros proprietários da terra, habituando-se ao trabalho colectivo, seguindo o exemplo das herdades estatais e unindo-se em cooperativas, que hoje recebem toda a assistência do Estado.

A aliança entre operários e camponeses não foi efémera. Antes se fortaleceu continuamente de modo a servir de base económica ao socialismo. Com o avanço da indústria intensificou-se o apoio ao desenvolvimento da agricultura. De 1949 a 1962 a produção industrial aumentou 30 vezes e a agrícola 2,6. O ano de 1938, o melhor desde sempre na produção capitalista da Roménia, não passou dos 4 milhões de toneladas de cereais. Em 1972 produziram-se 15 milhões de toneladas e 16,5 em 1973.

Assim, podem os comunistas romenos falar hoje, como o faz

Paul Nagy, na «qualidade dupla dos trabalhadores: proprietários e produtores de todos os bens».

Os sindicatos intervêm em todos os domínios da economia, na elaboração dos planos económicos, quinquenais e de perspectiva. Têm também o principal papel no desencadeamento e condução das campanhas de massas para a emulação socialista, que valorizam a consciência dos trabalhadores e os estimulam moral e materialmente, sem descuidar a preparação profissional e a melhoria dos conhecimentos técnicos e científicos.

A retribuição do trabalho atingiu um nível adequado e existe uma preocupação constante de aproximar cada vez mais os níveis mínimo e máximo das tabelas salariais, ao mesmo tempo que são aumentados os salários dos jovens e das mulheres dentro do princípio de salário igual para trabalho igual. Além da assistência na doença, extensiva (e praticamente gratuita) a todas as categorias de trabalhadores, os sindicatos têm a seu cargo funções educativas e culturais muito desenvolvidas. Possuem cerca de 200 casas de cultura por todo o país e milhares de bibliotecas, dando grande atenção aos grupos de teatro amador e ao desporto.

Na empresa, os trabalhadores participam na gestão e não há problema interno de que não tenham conhecimento e que não sejam chamados a resolver, através do órgão executivo da respectiva assembleia, que tem poderes para suspender os directores.

No plano internacional, os sindicatos romenos, que contam 6 milhões de filiados têm relações centrais de 105 países. Em 1974, foram recebidas na Roménia 268 delegações estrangeiras e 246 sindicatos romenos fizeram-se representar em todos os países do mundo.

A documentação e as simples impressões de viagem não podem esgotar-se em poucas linhas. A variedade e a profundidade dos aspectos da vida diária num país socialista representam um material tão vasto que só um trabalho muito mais extenso abarcaria. Sobretudo para quem vai de um país saído de 48 anos de fascismo, não há olhos e ouvidos que cheguem para registar tanta novidade fascinante, tanto apelo a uma atenção demorada. Limitamo-nos, por hoje, a um resumo. Mas, ainda assim, cremos que nada se perde ao dar a conhecer, mesmo que parcar, alguns aspectos da vida na Roménia, sobretudo se dermos atenção ao facto de, em Portugal, se terem passado tantos anos sem uma verdadeira informação sobre os países socialistas.

(Do nosso enviado especial)



A Praça da Universidade, em Bucareste

## QUEM É QUE TENTA PREJUDICAR AS RELAÇÕES LUSO-SOVIÉTICAS?

**Desmascaradas atoardas sobre financiamentos soviéticos ao PCP. O jornal «A Luta» sabia a verdade e preferiu publicar a mentira**

«Quem é que tenta prejudicar as relações comerciais luso-soviéticas?» foi o tema de uma conferência de imprensa promovida na passada quinta-feira a bordo do navio «Anton Gubarev» pelo capitão da marinha mercante Vitaly Liouty, representante da Marinha Mercante Soviética em Portugal, expressamente convocada para refutar informações tendenciosas publicadas pelo jornal «A Luta».

Com efeito, assiste-se em Portugal ao desenvolvimento de um certo tipo de imprensa que recorre sem rebuço ao boato, à calúnia e à especulação, tendo como objectivo imediato a mais ignóbil campanha anticomunista, ainda que — e disso não tenhamos dúvidas — o fim último que se pretende alcançar seja impedir o avanço das forças progressistas, travar o processo revolucionário, impedir a marcha triunfante para o socialismo.

Para tal, esse tipo de imprensa não hesita em preferir publicar informações que sabe caluniosas, ocultando a verdade dos factos. É o caso do jornal «A Luta» que, como foi explicado no decorrer da conferência, baseando-se «em notícias oriundas da Agência Reu-

ter e de um jornal belga (que posteriormente apresentaram desculpas ao representante soviético), publicou em primeira página, sob um título «sensacional», matéria dirigida contra o representante da empresa marítima soviética «Morflot» em Lisboa e contra os seus colegas».

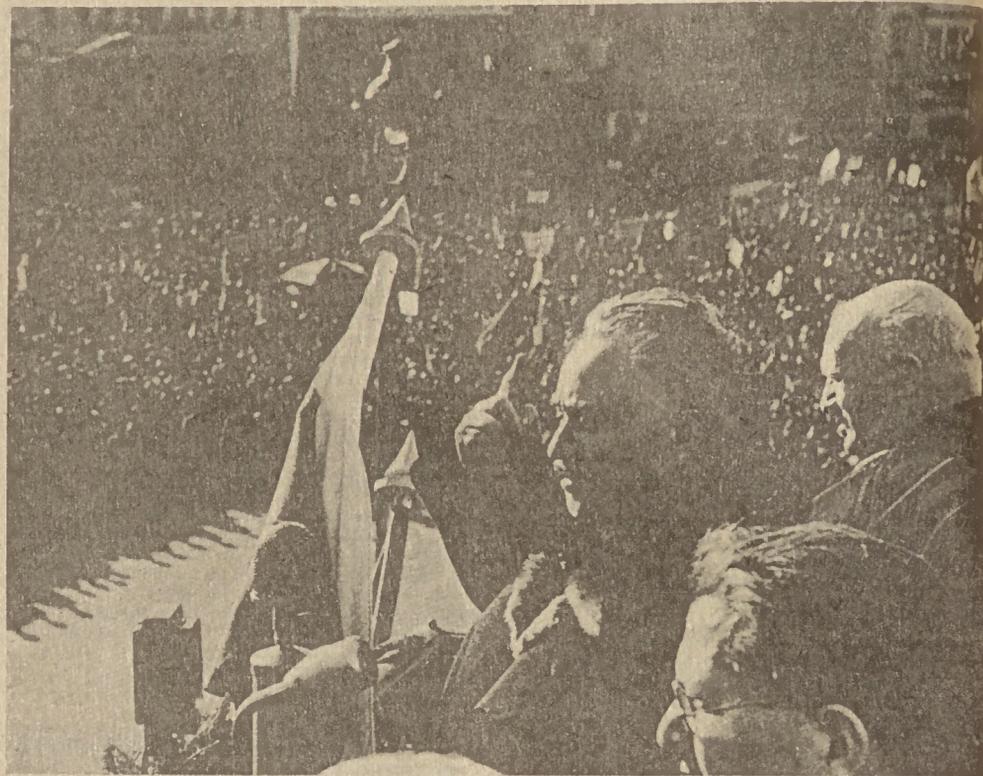
Não deixa de ser curioso verificar que um jornal que se autodenomina «socialista, pluralista e independente» não sinta quaisquer escrúpulos em apresentar aos seus leitores «um acto tão normal como uma transferência bancária destinada à instalação» daquela companhia soviética, como se tratasse de «um envio de dinheiro para o PCP» (?). O facto é tanto mais grave quanto o representante da «Morflot» teve ensejo de verificar — quando foi à redacção de «A Luta» e apresentou ao redactor do departamento económico, sr. Baltasar, provas irrefutáveis, bem como toda a documentação relativa às operações financeiras da agência marítima — que o referido sr. Baltasar já conhecia toda a verdade e dispunha mesmo de dados que, em qualquer país do mundo, constituem segredo bancário.

A actuação do jornal «A Luta»

após o protesto do representante da «Morflot» é esclarecedora quanto aos seus verdadeiros objectivos — socialistas, pluralistas e independentes: «A Luta» publicou, em página interior, uma informação encimada pelo seguinte título escarecedor: «Vitaly Liouty não espera mais dinheiro». Nela fazem-se várias referências de segunda ordem, mas não se publica nenhum desmentido à calúnia do «envio de dinheiro para o PCP», nem se apresentam desculpas à agência.

Como o camarada Vitaly Liouty salientou, é legítimo perguntar qual o significado desta acção contra uma agência soviética, quem é que não quer que o comércio luso-soviético se desenvolva.

Contudo, e apesar do empenhamento de alguns em impedi-lo, o representante da «Morflot» afirmou a disposição do seu país em continuar a estreitar os laços de amizade e cooperação com Portugal porque, afirmou, «nós, soviéticos, vemos nisto a aplicação prática da letra e do espírito dos acordos concluídos recentemente em Helsínquia e dos acordos concluídos entre a URSS e a República Portuguesa».



Jorge Dimitrov, herói do povo búlgaro

## 31.º ANIVERSÁRIO DO TRIUNFO DO SOCIALISMO NA BULGÁRIA

**Passou a 9 de Setembro, o 31.º Aniversário do triunfo da Revolução Socialista na Bulgária, vitória para todas as forças empenhadas na paz e no progresso social**

Há 31 anos, a 9 de Setembro de 1944, o povo búlgaro triunfou sobre o fascismo e enecou uma etapa de transição que a partir de 1948 se definiu como caminho para o socialismo, única via de libertação do povo búlgaro.

A vitória do levantamen-

to armado pela conquista do poder político que se encontrava nas mãos do invasor nazi, a 9 de Setembro de 1944, foi o resultado de um firme trabalho de organização do Partido Comunista Búlgaro sob a direcção de Jorge Dimitrov, guia destacado da classe operária búl-

gara e figura notável do movimento comunista internacional. Desde os inícios de Setembro de 1944 que a marcha do Exército Soviético na Bulgária, desde 1941, oprimida pelo jugo nazi, havia estimulado a luta revolucionária do movimento popular de massas que desen-

volveram importantes greves e do movimento guerrilheiro que avançou sob Sofia e derrubou o governo hitleriano.

Sob a iniciativa de Jorge Dimitrov havia sido criada em 1942, a Frente da Pátria que agrupava partidos e forças antifascistas e cujo programa elaborado pessoalmente por Jorge Dimitrov aglutinou milhões de cidadãos búlgaros empenhados na tarefa patriótica de combate à Alemanha nazi. O movimento guerrilheiro, força armada da Frente da Pátria, transformou-se numa potente força revolucionária cuja vitória se verificou a 9 de Setembro.

Constituído um governo de frente da Pátria na qual figuravam representantes de quatro partidos antifascistas, entrou-se num período de reconstrução económica e de intensa luta política sobre o futuro do país, capitalismo ou socialismo, a qual caracterizou a situação nacional até às eleições de 1946 em que o Partido Comunista alcançou 53 por cento de todos os votos. Em 1948, no V Congresso do Partido Comunista Búlgaro num relatório de Jorge Dimitrov eram apontadas as acções de edificação do socialismo, as quais foram ampliadas em 1956 com a histórica reunião do CC do PCB, que marca o rumo para o desenvolvimento acelerado do socialismo na Bulgária.

Hoje, o 9 de Setembro, festa nacional da Bulgária constituiu não apenas uma ocasião para recordar a derrota do nazi-fascismo, mas também um momento de satisfação do povo búlgaro e dos seus amigos em todo o mundo, perante o desenvolvimento da produção e do bem estar dos trabalhadores na sociedade socialista. A vida do povo búlgaro, 31 anos decorridos sobre a Revolução que abriu o caminho do socialismo, atesta que o futuro de abundância e felicidade dos povos é inseparável da edificação da sociedade socialista.

## DELEGAÇÃO DO PC ROMENO NA SEDE DO PCP

No passado dia 2 de Setembro, o camarada Stefan Andrei, membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Romeno foi recebido no Centro de Trabalho de Avenida António Serra, pelos camaradas Alvaro Cunha, Secretário-Geral do nosso Partido e Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política. O encontro entre os representantes dos dois partidos imbuídos de um ambiente de amizade e de solidariedade característico do espírito de internacionalismo proletário.

## ENCONTRO INTERNACIONAL DE MULHERES

**Uma firme afirmação de solidariedade para com a Revolução Portuguesa foi uma das conclusões finais do encontro realizado na URSS sobre as tarefas das mulheres na luta contra o fascismo e pela paz em todo o mundo**

De 25 a 29 de Agosto, na cidade de Minsk, capital da República Socialista Soviética da Bielorrússia, representantes de 27 países e de 6 organizações internacionais participaram no Encontro Internacional de Mulheres, no qual foram discutidas as tarefas das mulheres na luta contra o fascismo e na conquista da paz em todo o mundo.

Inaugurado solenemente por P.M. Macherov, membro suplente da Comissão Política do CC do Partido Comunista da União Soviética e primeiro Secretário do PC da República da Bielorrússia, o encontro enquadrou-se, também, no XXX Aniversário da Vitória sobre o nazismo, para a qual a União Soviética contribuiu decisivamente. Minsk, cidade heroica da União Soviética foi justamente escolhida para a realização deste Encontro Internacional como uma homenagem ao povo da Bielorrússia, como símbolo da memória necessária dos 2 200 000 habitantes da República mortos durante a Grande Guerra Pátria da União Soviética contra o invasor nazi na qual pereceram 20 milhões de soviéticos. Em Minsk, uma das 209 cidades destruídas na Bela Rússia durante os três anos de ocupação hitleriana que destruiu ainda 9200 aglomerações rurais e aldeias, palpitou o desejo de paz de mulheres de todo o mundo.

Relembrar os horrores do fascismo contribuiu para a unidade das forças progressistas contra a persistência da ameaça fascista. Recordar a participação das mulheres no passado contra o fascismo é apelar para a actividade das mulheres de hoje que independentemente da sua ideologia democrática ou credo religioso desejam profundamente construir um futuro de paz para os seus filhos. Representantes de 27 organizações femininas, (entre as quais o Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas) e representantes da FDM (Federação Internacional das Mulheres Democráticas), do Conselho Mundial da Paz, da Federação Mundial das Associações para as Nações Unidas, da Liga Internacional das Mulheres para a Paz e a Liberdade, da Organização da Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos e da Organização Pan-Africana de Mulheres, de 25 a 29 de Agosto, unidos no mesmo objectivo de reforço das forças empenhadas na instauração de um clima de paz a nível mundial, trocaram experiências e prepararam novas tarefas de mobilização e organização do movimento de mulheres contra o fascismo e a guerra.

Neste Encontro Internacional, presidido por Valentina Tereshkova, Presidente do Comité das Mulheres Soviéticas, cosmonauta e Heroína da União Soviética mais uma vez se fez sentir a solidariedade activa das forças democráticas de todo o mundo para com o processo revolucionário português. De salientar, neste aspecto, as intervenções da representante

da União Democrática das Mulheres da Finlândia, Miriam Suvanto, da representante da Organização Pan-Africana de Mulheres (Guiné-Bissau), Francisca Pereira e de Barbara Mausbach, membro do Presidium da Associação de Pessoas Perseguidas pelo Regime Fascista e de Graciela Urbe (Chile) do Secretariado do GMP. A importância desta solidariedade internacional foi destacada pela representante do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, Isabel Hernandez.

Além da solidariedade manifestada relativamente ao nosso processo revolucionário, expressa numa Revolução Final do Encontro, o apoio à luta do povo chileno sufocado por uma sangrenta ditadura fascista foi uma constante das intervenções no Encontro em cujas conclusões se aprovou uma moção de solidariedade ao Povo Chileno. Sublinhados também os acordos estabelecidos na Conferência sobre a Segurança e a cooperação Europeias «cuja concretização contribuirá para o fortalecimento da paz e da cooperação no interesse dos povos», e a importância de se proceder rapidamente à convocação da Conferência Mundial do Desarmamento. Afirmada, igualmente, a profunda preocupação dos participantes no Encontro relativamente à situação no Médio Oriente e em Chipre e a

exigência de que sejam adoptadas as decisões do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral da ONU. Foi salientado, com particular incidência, a satisfação de todas as forças progressistas perante a vitória do povo vietnamita e a importância do Ano Internacional da Mulher para a unificação dos esforços dos Governos e da opinião pública em prol pelo êxito dos seus objectivos principais: a igualdade, o desenvolvimento e a paz.

Ainda no quadro do Encontro Internacional das Mulheres na Luta contra o Fascismo, por uma Paz Sólida e Justa no Mundo», a participação das mulheres no movimento de libertação dos povos, contra a guerra e todas as formas de opressão foi consagrada na inauguração de um monumento à Mãe Patriótica Soviética, personificada na figura de uma camponesa da República da Bielorrússia, cujos cinco filhos morreram na Guerra Pátria contra o Nazi-Fascismo.

Na senda dos povos empenhados na construção da paz, no combate ao fascismo e sob o signo de uma ampla cooperação de todas as forças progressistas e da participação da mulher na luta contra os focos de guerra imperialista que põem em risco toda a humanidade, o Encontro Internacional de Minsk foi um eloquente testemunho da vontade popular de 27 países do mundo.

